



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



23

JANEIRO-FEVEREIRO DE 1957

Nº. 1

Biblioteca





Alvos e Sua Votação

ALGUM tempo atrás estive presente à escola sabatina de uma de nossas igrejas. Um jovem aluno estava encarregado dela. Era esse o dia da votação do alvo das ofertas dos doze sábados, e do 13º também: O aluno apresentou de maneira fragmentária, ou melhor, com absoluta falta de ordem, e, ao terminar, perguntou se os presentes estavam de acordo. Suponho que tenha visto uma expressão de aprovação em alguns rostos, porque meramente prosseguiu dizendo que o alvo seria o sugerido, sem que ninguém houvesse apresentado proposta nenhuma, nem apoiado, e sem sequer haver discutido o assunto. Creio que qualquer pessoa conviria em que esta apresentação não estivesse à altura de que deveriam ter as nossas reuniões.

Bem farão os diretores de distrito com ensinar aos membros leigos a maneira de apresentarem os alvos, tanto da escola sabatina como da igreja. Devem sê-lo em forma clara, que dê a entender que somos um povo que faz as coisas com ordem e precisão.

Seis pontos há que ter em conta na apresentação a uma assembleia ou ao público em geral, que carecem de sua aprovação, os quais são:

1º. — A pessoa que preside à reunião deve apresentar o assunto com toda a clareza e precisão. Antes de apresentá-lo, convém fazer dêle breve resumo. Este não precisa ser longo, mas feito em poucas palavras, a fim de que todos compreendam bem o assunto a ser decidido.

2º. — Deve o presidente averiguar, então, a opinião da congregação, solicitando que alguém apresente uma proposta. Qualquer membro presente pode fazê-la, e há várias maneiras de manifestação. Pode-se fazê-lo erguendo a mão, permanecendo sentado ou pondo-se de pé, e dizer: "Proponho", ou "proponho que..."

3º. — Toda moção deve ser apoiada ou secundada e, para fazê-lo, a pessoa levanta-se e diz: "Apóio", ou ergue a mão, dando, assim, mostra de seu apoio.

4º. — O próximo passo é dar lugar a que os que estão favoráveis ou contrários ao assunto proposto e apoiado, possam manifestar sua opinião. Ao fazê-lo, simplesmente se atende ao exercício de um direito a que têm todos os presentes, de expressarem-se a favor ou contra o projeto que está sendo discutido.

5º. — Segue-se, então, uma parte importante, que

é a votação. Quem preside à reunião deve expressar com clareza a forma em que irão ser computados os votos. Não é necessário que a assembleia especifique a maneira da votação. Será suficiente que o presidente diga, por exemplo: "A quem estiver de acordo, peço levantar a mão", ou "Quem apoiar, diga sim" ou "os que são favoráveis, ponham-se de pé para expressar o seu voto."

Depois de haver dado lugar às manifestações de opinião a favor do projeto, o presidente deve dar lugar a que os oponentes a êle manifestem sua repulsa, dizendo: "Não", ou erguendo a mão, ou pondo-se de pé.

6º. — Por último, o presidente tem o dever de anunciar o resultado da votação. Se esta for afinal favorável ao projeto apresentado, deve dizer: "Declaro votado o assunto", ou "O assunto ficou votado desta forma ou destoutra." Isto é necessário porque a congregação não pode ver quantos votaram a favor, ou quantos foram contrários, e, se o presidente não o anuncia, tampouco o saberá. Mediante a votação, o presidente decide que lado vence.

O saber fazer estas coisas reflete-se na personalidade. Uma pessoa que sabe dirigir uma votação em conformidade com o que ficou estabelecido nos pontos precedentes, não precisa ter receio de atuar em público. O saber dirigir corretamente as reuniões públicas, aumenta a confiança própria. Nada há que nos confira maior segurança pessoal do que saber que estamos fazendo o que é correto e o fazemos em conformidade com as normas estabelecidas.

Os oficiais de nossas igrejas apreciarão receber instruções mais pormenorizadas sobre estas coisas. Por outra parte, bom seria dar-lhes de quando em quando a oportunidade de praticá-las. Nosso dever de ministros é corrigir os métodos defeituosos dos que dirigem nossas reuniões administrativas, quer da escola sabatina, quer da igreja. — W. E. M.

Contadores de Histórias

Como homens chamados para a obra sagrada da pregação evangélica, devemos lembrar-nos sempre de nosso dever de alimentar o rebanho de Deus com o "pão da vida" e o "leite espiritual" da Palavra. Há na palavra escrita tanto poder quanto o que havia na Palavra viva, quando Cristo andou entre os homens. Uma das maiores fontes de poder em nossa pregação, é o emprêgo freqüente da Palavra de Deus corroborada por comentários divinamente inspirados, como os que se encontram no Espírito de Profecia.

Como pregadores, corremos o perigo de apartarmos disto. Ouvimos dissertações em que não é mencionado texto algum, ou não se fez referência introdutória à Palavra de Deus e o restante não passou de uma sucessão de histórias bem contadas, com um fundo emocional. Tais pregações podem entreter os ouvintes e tornar popular temporariamente o pregador, mas não são um alimento consistente para o rebanho de Deus. Sejam êses ministros pregadores do "Evangelho eterno", e não meros contadores de histórias. — *The Ministry*, junho de 1955.



Órgão publicado bimestralmente pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo
 Gerente — Bernardo E. Schuenemann
 Redator responsável — Luiz Waldvogel
 Redator associado — Rafael de A. Butler
 Colaborador especial:
 Walter E. Murray

NOSSA CAPA

Regorgitam as cidades de "ovelhas que não têm pastor".
 Oxalá se cumpra em nossos evangelistas jovens a profecia de Apoc. 14:6-9!



ANO 23

Nº. 1

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Alvos e Sua Votação	2
Contadores de Histórias	2

ILUSTRAÇÕES

Sempre Atrasado	3
O Cuidado Protetor de Deus	3
O Júbilo dos Remidos	3

ARTIGOS GERAIS

Liderança Apropriada	4
O Cristo Histórico	6
Onde Está o Espírito de Elias?	8
Como Planejar um Programa Anual para a Igreja	9

OBRA PASTORAL

Como ter Melhores Cultos de Oração	11
--	----

CONSELHO DO ESPÍRITO DE PROFECIA

Convites para ser os Principais Arautos de Cristo e de Seu Sacrifício	12
---	----

ESTUDOS BÍBLICOS

O Segrêdo da Verdadeira Felicidade	14
A Recompensa de Tudo Abandonar	14

EVANGELISMO

Evangelismo, um Princípio, não um Expediente	15
Preparemos os Obreiros Jovens	16
Reservar Tempo para o Evangelismo	18

EVANGELISMO DA SAÚDE

Fazei Vossa Parte para Gozar Boa Saúde	22
--	----

NOSSA LÍNGUA

Miscelânea	24
----------------------	----

ILUSTRAÇÕES

Sempre Atrasado...?

NAO é de todo mau que o ministro se abstenha de uma refeição de quando em quando. O que é mau é que suas refeições sejam servidas sempre tão atrasadas e tão próximas da hora de alguma obrigação inadiável, que ele tenha que comê-la sempre sob a tensão nervosa de grande pressa. Talvez disponha de tempo suficiente, e saibais que dispõe dêsse tempo, mas, convém que saibais que nenhuma dessas coisas tem realmente a mínima importância, contanto que *êle sinta pressa*; sua digestão será igualmente diabólica. Além disso, se planejardes as coisas com o tempo estritamente necessário e houver contratempos, como ocorre, em geral, com algumas esposas, o resultado é notório. — Artur W Hewitt, em *The Sheperdess.*

O Cuidado Protetor de Deus

UMA andorinha construiu o seu ninho num vagão de carga de estrada de ferro, que fôra mandado a uma oficina para consertos. Quando estava em condições de voltar ao serviço, uma ninhada de filhotes de andorinha parecia estar ameaçada de ficar privada dos cuidados maternos. Mas conquanto viajasse várias centenas de quilômetros, a andorinha não abandonou os filhotes. O maquinista e seus ajudantes notificaram o superintendente, que pôs o vagão fora de serviço até que os passarinhos voassem e cuidassem de si.

Se uma grande empresa de estrada de ferro pode ser acomodada de forma a proteger indefesos passarinhos, será difícil crer que o grande Superintendente do universo acomode tôdas as coisas para o bem de Seus filhos? — *More Illustrations and Quotable Poems*, por A. Bernard Webber.

O Júbilo dos Remidos

FAZ muitos anos as lágrimas de uma pequena escrava que estava para ser vendida atraíu a atenção de certo homem que passava pelo mercado de escravos num dos Estados do Sul. O bondoso homem parou para perguntar por que ela chorava, quando outros que estavam também para ser leiloados se mostravam indiferentes. Ela fôra criada com muito carinho por um proprietário bondoso, e estava aterrorizada quanto a quem viria a ser o seu comprador. O homem indagou qual era o preço dela. Hesitou ao ter conhecimento da importância, mas finalmente pagou-a. Entretanto, nenhum regozijo se estampou na face da escrava quando ele lhe disse que estava livre. Nascera escrava, e não sabia o que significava a liberdade. As lágrimas caíram fartas sobre o pergaminho que seu libertador lhe mostrou, como prova de que agora era livre. Finalmente ela compreendeu o que significava a liberdade. Com a primeira respiração de livre, exclamou: "Eu o seguirei. Servi-loi a

ARTIGOS GERAIS

Liderança Apropriada

LUI S K. DICKSON

(Vice-Presidente da Associação Geral)

UM dos maiores perigos que a igreja enfrenta hoje é a sua aparente crescente incapacidade de encontrar líderes habilitados para a hora a que chegamos. A liderança que Deus aprova neste momento exige algo mais do que simples capacidade de manter em movimento as engrenagens de nossa grande organização. Não basta meramente manter a estabilidade de nosso plano denominacional e decantar as alturas das consecuições, e estar simplesmente amontoando registros sempre crescentes, a que os homens apontam como sinais de progresso.

Em verdade, o impulso firme de um movimento triunfante, progressista e expansivo, tal como o representado pelo Adventismo, mostrará mais ganhos materiais e grande crescimento de meios e homens. Mas, juntamente com estes, existe o grande perigo de que os seus registros celestes de apatia e complacência, de decadentes fé e piedade, igualmente aumentem mais e mais.

A liderança apropriada exige agora visão clara do estado espiritual da igreja e suficiente ânimo, fé e poder espiritual para mudar o rumo que está tomando. Precisar-se-á da fé de Jesus e da coragem dos mártires o postar-se agora como líder e, guiado por Deus, "tocar a buzina no Meu santo monte." Mas isso precisa ser feito, pode ser feito e será feito, e serão achados líderes que se disponham a sacrificar toda ambição pessoal, se necessário for, para consegui-lo.

A liderança aceitável hoje em dia, exige mais do que simplesmente assumir perante nossos semelhantes essas atitudes que conquistarão sorrisos de aprovação dos que sabemos que nos proporcionarão promoção ou nos garantirão a reeleição ou continuidade no cargo. Deus precisa agora de homens de fibra, homens que não sejam comprados nem vendidos, homens de convicção e espírito heróico, como João Knox, ao pé de cuja cova pôde ser dito: "Aqui jaz quem nunca temeu a face do homem."

vida inteira." A todo argumento que contra isso lhe apresentavam os amigos, ela apenas respondia: "Ele me remiu! Ele me remiu!" Insistiu em ir para a casa dele e ali trabalhar. Quando estranhos visitavam aquela casa e notavam a sua dedicação e fidelidade ao trabalho, ela tinha uma resposta apenas: "Ele me remiu! Ele me remiu!" Oh! pudéssemos nós reconhecer toda a significação do fato de que o Senhor da Glória nos remiu a nós! Não nos fremiria o coração ao reconhecermos que não mais somos escravos de Satanás...! Sirvamos a Deus como pecadores redimidos com sangue precioso. — *Illustrations for Preachers and Speakers*, por Keith L. Brooks.

É preciso mais do que uma casual inspeção do nível de nossas consecuições espirituais para chegar ao reconhecimento claro de que alguma coisa tem que ser feita, e isso com rapidez, quanto ao nosso minguante número de líderes de verdadeiro valor espiritual.

Que acontecerá se nossas instituições atingirem as nuvens? Se nosso número alcançar dezenas de milhões? Se nosso tesouro e seu orçamento somar bilhões de dólares por ano? Que, perguntamos, significaria tudo isso se nossa vida espiritual continuasse em seu presente nível e o demônio da apatia e a destruidora complacência se mantivessem no trono?

Que aconteceria se nossa expansão nos levasse aos confins da Terra, e toda nação, e tribo, e língua, e povo ouvisse nossa crescente voz proferir a mensagem, e nossos altares serem erigidos com pouco fogo sobre eles, ou sem nenhum fogo? O próprio Jesus Cristo apresentou claramente a possibilidade dos que se chamam pelo Seu nome fazerem muitas obras maravilhosas, mas sem O conhecerem.

Não estamos nós certos ao manter que o garantirmos a liderança espiritual apropriada para a igreja hoje em dia em qualquer de suas partes ou em todas, é um objetivo de interesse transcendental, urgente e mundial? Num dia como este, que exige o erguimento de uma igreja espiritualmente preparada para a terminação da obra de Deus, dia em que todos reconhecemos, sem discrepância, que esta é a condição mais necessitada para que a plenitude do poder celeste seja concedida ao povo de Deus, por que estamos permanecendo em níveis tão baixos de consecução espiritual?

Não está a exigir-se entre nós um despertamento de liderança nesse sentido? Não é tempo de rompermos as peias do temor, da falta de ânimo, do interesse pessoal, ou o que quer que nos impeça de liderar o povo de Deus sob o impulso intenso de Seu Espírito Santo, e para que iniciemos grande avanço com Deus em níveis mais elevados?

Fontes Esquecidas

Chegamos nós ao tempo em que as fontes de água viva, que eram o âmago de nossos princípios, estejam sendo encobertas pelo esforço humano e pelas "coisas" que construímos em torno delas? Conta-se a história de uma cidade da Inglaterra que teve origem numa fonte de água de propriedades curativas. As pessoas que bebiam essa água recobravam a saúde. Com o tempo foi construído um hotel junto á fonte, depois uma ferraria, um

armazém, e algumas casas, até que a aldeia cresceu e transformou-se numa comunidade organizada. Aos mais tarde, porém, ao perguntar um viajante a uma autoridade, onde estava a fonte, o funcionário sacudiu a cabeça, embaraçado, e disse: "Isso é o pior da história: *Esquecemos a localização da fonte.*"

O bom trabalho da liderança é guiar de maneira tal que essas fontes esquecidas sejam lembradas e glorificadas entre os interesses da igreja.

Mais e melhor liderança deste tipo é necessária hoje. Muito temos feito para desenvolver a liderança entre nós, mas precisamos, e temos o direito de esperar maior harmonia interna e unidade de liderança que, com a bênção divina, venha a guiar com êxito este grande movimento, rapidamente a uma posição mais forte do que hoje vemos. Impõe-se nova ênfase nessa necessidade, para que saíamos deste ponto morto em que caímos.

Nossas normas e planos para a promoção de nossa obra são bons e estão-se desenvolvendo satisfatoriamente, mas não estão salientando de maneira apropriada a experiência mais rica e mais profunda que devemos agora buscar a fim de estarmos preparados para a grande hora a que chegamos.

Estivéssemos nós, todos, como dirigentes, imprimindo a liderança espiritual que é hoje necessária, estivéssemos interpretando corretamente o insistente apelo divino de atingirmos mais altos níveis da experiência cristã, que dariam à igreja o necessário preparo para a chuva serôdia; e feitos maiores seriam realizados, e criar-se-ia da parte do povo de Deus uma atitude que assombraria o mundo e traria para o nosso meio a plenitude do poder que agora espera "o nosso pedido e a nossa recepção."

Provavelmente nunca dantes em nossa história têm os membros da igreja estado tão conscientes da necessidade de a igreja ser guiada a coisas espirituais mais profundas. Hoje, o líder da igreja que não se dedica a guiar o rebanho a um aprimoramento de sua vida espiritual, já em grande medida se desqualificou no conceito dos membros. Dessa obrigação não pode ele esquivar-se, quer aos olhos de Deus quer do povo de Deus.

Por causa desta convicção e esperança no coração de nossos membros de toda parte, as oportunidades que enfrentamos de reavivamento e reforma na igreja são tão brilhantes quanto é obrigatório o nosso dever. A presente fome e anseio de nossos crentes fiéis tem-nos proporcionado grandes possibilidades, que nos capacitam para, confiantemente, planejar a missão tão espiritual a que Deus nos está concitando nesta hora importante. Somos possuidores de oportunidades para a realização de importância espiritual, de valor incalculável e de urgência sem precedentes.

Planos Sem Proveito

Somos uma igreja que tem alicerce espiritual e significação profundos, que envolvem o devotamento, não meramente para aumentar o acervo e o número de membros, mas especialmente para o aprofundamento da vida espiritual de cada um dos membros o Movimento. Na concepção mais simples dessa importante tarefa estamos consagrados para a terminação de uma grande obra espiritual. Esta consagração não deve ser-lo meramente para expandir os complementos de nossa vida religiosa mas particularmente

para aumentar a luminosidade de nossa vida por meio do acesso ao cumprimento das grandes promessas divinas feitas a Seu povo para esta hora. Para este fim, deve concorrer todo o nosso trabalho e atividade. Ao planejarmos um grande avanço, devemos subordinar todo propósito à prova de sua contribuição para esse desígnio central. Devemos cuidadosamente alijar todo plano sem proveito, de forma a promover o crescimento principal. Nosso critério deve ser a qualidade do fruto e não o tamanho da planta ou a quantidade dos brotos apodrecidos.

Não atingiremos este propósito por meio de passos revolucionários, quer de reorganização administrativa, quer de estratégia de atividade. Atingimos na história adventista um ponto em que uma inversão violenta no procedimento rotineiro não é desejável nem necessária.

A necessidade presente exige a ênfase da mais profunda devoção e espiritualização, bem como de expansão. Exige a concentração de esforço e tempo no enriquecimento de nossas consecuições, de forma que com maior clareza demonstrem a presença de Deus em nosso meio. Um procedimento tal não será espetacular, mas profundamente ardente e duradouro. Isto, estamos convictos, é o de que mais necessitamos agora, e é o objetivo da liderança sábia para esta hora estranha.

Nosso grande movimento precisa ser mais espiritualmente desenvolvido, reforçado e revigorado. São estes os pontos que podemos classificar de essenciais e importantes para a causa.

Temos que multiplicar os esforços para o preparo final do povo de Deus. Uma grande reserva de homens e mulheres espiritualmente fortes, bem desenvolvidos e consagrados, é necessária para deles lançarmos mãos para nossa futura liderança. Esta necessidade é de primordial importância para liderarmos a igreja nestas horas finais. Temos que buscar para cada novo acréscimo à liderança deste Movimento, a certeza de melhora da qualidade espiritual. Deve este ser o alfa e o ômega de nossa prática e planejamento. Dêsse fortalecimento depende toda sugestão para um melhor serviço prestado a Deus, e em substituição a ele não bastará nenhum plano feito no papel, nem admoestação alguma por meio de resolução.

A prova principal dos homens que chamarmos e designarmos tem que ser o devotamento integral ao progresso e à liderança espirituais, e o apêgo às crenças originais de nossa grande mensagem. Por "espiritual" compreendemos o entusiasmo disciplinado e esclarecido pela vida espiritual, tão devotado e intenso que tenha que ser partilhado com outros consciente e inconscientemente, quer pela mera força do exemplo, quer pela pregação, pelo ensino ou pela pena.

Semelhante espírito em nossa liderança é a única defesa segura contra o maior perigo que a igreja enfrenta — o vírus insidioso da complacência, do conformismo, da presunção e do egoísmo. Como líderes, temos que estar incessantemente em guarda contra o hipnótico da apatia no tocante à edificação duma casa espiritual. Temos que ser sempre os nossos próprios críticos, e isso com toda a vigilância. Sempre surge em nosso redor a tentação de descairmos para a mediocridade e a complacência.

Como líderes neste grande movimento, recebe-

O Cristo Histórico

W. E. READ

(Secretário da Associação Geral)

FAZ alguns meses li um livro que fôra escrito com o único propósito de provar, não só que Jesus não havia ressuscitado, mas também que nunca havia existido. O autor afirmava que a idéia de Cristo se originara no mito e na lenda. A leitura de um livro dessa espécie faz-nos apreciar as maravilhosas evidências que temos nas Escrituras acêrca da verdade concernente a Jesus, nosso benedito Senhor, de Sua vinda e ensinosa, Sua morte, ressurreição e ascensão e, também, da bela promessa de que voltará em glória para reunir Seu povo.

Também nos causa dor por quem vive em trevas, na dúvida e incerteza. A Bíblia ensina que os tais estão "sem Deus no mundo" (Efé. 2:12). Uma triste perspectiva, e uma grande treva empanam tôda esperança e aspiração. Que tenebroso presentimento e que pouco consôlo, se é que algum há, ao fazer-se no leito da enfermidade e enfrentar-se o vale da sombra da morte! Agradecemos a Deus pela gozosa esperança de uma eternidade bendita, que passaremos com Jesus no reino eterno. Agradecemos-Lhe pela certeza da fé cristã. Lucas escreve com segurança sôbre "as coisas que entre nós são certíssimas." O apóstolo Paulo escreveu à igreja: "Estou certo." João, o discípulo amado, lembrou repetidas vêzes, aos crentes as coisas que "sabemos". Que enorme diferença há entre o cristão, que crê, e o agnóstico, que não crê! Uma vez mais, digamos: Graças, Senhor, pelas certezas da fé cristã.

O Testemunho dos Romanos

Os fatos seguintes, de que Jesus nasceu como criança em Belém, viveu e ensinou, operou milagres e andou fazendo bem, foi crucificado e morreu, ressuscitou dos mortos e subiu ao Céu, são apoiados não apenas pelas Escrituras, mas também por outras fontes, algumas das quais pertencentes a homens que viveram em época muito próxima dos dias de Jesus.

Uma das primeiras referências que temos de Cristo e de Seus seguidores, encontramos-na em uma carta de Plínio, escrita a Trajano, cêrca do ano 112 A. D.:

"Como nunca participei dum processo contra os cristãos, não estou familiarizado com os métodos que devem ser seguidos no interrogatório, ou com as restrições que tenha que levar em conta ao ditar a sentença. . . . Entretanto, sustêm êles que tôda a sua culpa ou êrro consiste em que observam o hábito de reunir-se em determinado dia, antes

mos cargos de extraordinário privilégio com a obrigação de que o justifiquemos por nosso devotamento extraordinário, fé, ânimo e compreensão. Devemos sempre lembrar que somos todos membros de um corpo dedicado a uma causa única. Tem de necessariamente haver entre nós distinção de funções, mas não pode haver divisão de propósito — "para preparar um povo para o Senhor."

do amanhecer, quando cantam hinos a Cristo como a um Deus." — Plínio, *Letters*, X, 96, edição de Loeb), Vol. II, págs. 401 e 403.

Existe um testemunho de Suetônio, biógrafo e historiador romano, contemporâneo de Trajano (morto em 117 A. D.). Escreveu êle: "Infligiu-se castigo aos cristãos, uma classe de homens dados a uma superstição nova e prejudicial." — *The Lives of the Caesar*, VI. 16 (edição de Loeb), Vol. II, pág. iii.

Notemos êste testemunho de Tácito, escritor consciencioso e exato:

"Nero declarou réus e castigou com os maiores requintes de crueldade uma classe de homens aborrecidos por seus vícios, a quem o povo chamava cristãos. Cristo, originador dêste nome, sofrera a pena de morte, no reinado de Tibério, sentenciado pelo procurador Pôncio Pilatos." — *The Annals*, XV 44 (edição de Loeb), Vol. IV, pág. 283.

Um testemunho posterior no-lo dão as Atas de Pilatos, que não mais existem. Não obstante, vários escritores antigos a elas se referem. Consideremos a seguinte declaração:

"As *Acta Pilati*, consideradas como o informe oficial que Pilatos enviou ao imperador, em que se referia ao julgamento e à crucifixão de Cristo, desempenharam papel importante nos primeiros anos; Justino Martir atraiu a atenção para elas (três vêzes); também o fez Tertuliano (cêrca do ano 180) e Eusébio (cêrca do ano 280). Êste registo foi destruído provavelmente por Maximino (ano 311). As *Acta Pilati* que existem formam parte do Evangelho segundo Nicodemos, e procedem dos séculos IV e V, e foram escritas para os judeus por judeus cristãos." — *A New Standard Bible Dictionary* art. *Pilatos*.

Celso, filósofo platônico, e um dos piores inimigos do cristianismo, escreveu um livro cêrca do ano 175 A. D., intitulado *Um Verdadeiro Discurso*. Atualmente não existe, mas é citado parcialmente na réplica de Orígenes, intitulada *Orígenes Contra Celso*. Celso cita um judeu que observa: "Infligimos castigo ao homem que vos enganou." — *Origin Against Celso*, ii. 4, em *The Anti-Nicene Fathers*, Vol. IV, pág. 431.

Noutra parte, Celso assevera: "Êle [Jesus] foi castigado pelos judeus por Seus crimes." — *Idem*, ii. 5, em *ANF*, Vol. IV, pág. 431.

Celso cita irônicamente a agonia de Cristo, e a Êle se refere quando pronunciou estas palavras: "Pai, se é possível, passa de Mim êste cálice". — *Idem*, ii. 24, em *ANF*, Vol. IV, pág. 441.

Luciano, o agnóstico de Samosata, nascido cêrca do ano 120 A. D., em *Passing of Peregrinus*, menciona "o homem que foi crucificado na Palestina porque introduziu êste novo culto [o cristianismo] no mundo." — Sec. 11 (edição de Loeb), Vol. V, pág. 13.

Referindo-se aos cristãos, assinala:

"Os pobres infelizes convenceram-se de que chegarão a ser imortais e de que viverão eternamente,

e por esse motivo desprezam a morte, e ainda, a maioria deles se entregam voluntariamente para serem encarcerados. Além disto, seu primeiro legislador os persuadiu de que todos são irmãos uns dos outros, uma vez que rejeitaram os deuses gregos pela adoração desse sofista crucificado e pela observância de seus princípios." — *Idem*, secção 13, (edição de Loeb), Vol. V, pág. 15.

O Testemunho dos Judeus

Citamos um passo do Talmud judeu:

"Jesus foi crucificado na véspera da Páscoa. . . Visto que nada se fez em seu favor, foi crucificado na véspera da Páscoa!" — *Sanhedrin*, 43^a., (edição Soncino) pág. 281.

De Josefo, historiador judeu, citamos:

"Mais ou menos por esse tempo existiu Jesus, homem sábio, se é que podemos denominá-lo homem; porque foi fazedor de obras maravilhosas, um mestre de homens que recebiam a verdade com júbilo. Atraiu a si muitos dos judeus e também aos gentios. Era [Ele] Cristo. E quando Pilatos, agindo por instigação dos nossos chefes, o condenou à cruz, aqueles que o amavam desde o princípio, não o esqueceram; tal como o haviam pronunciado os profetas divinos, tanto este feito como milhares de outros que a ele se referiam. E o grupo do cristãos, assim chamado por ele, não está extinto em nossos dias." — *Antiquities*, XVIII. 3. 3.

Anotamos a seguinte declaração de José Klausner, escritor judeu moderno:

"Conquanto a informação que possuímos seja fragmentária, podemos concluir confiantemente em que Jesus em verdade existiu, que possuía personalidade excepcionalmente notável, e viveu e morreu na Judéia, no tempo da ocupação romana." — *Jesus of Nazareth*, pág. 70.

"Quem nega categoricamente, não só a forma atual que Jesus assume no mundo ou a que assume segundo os Evangelhos, mas também em sua própria existência e a grande importância positiva ou negativa, de sua personalidade — simplesmente nega toda a realidade histórica." — *Idem*.

O Testemunho dos Cristãos Primitivos

As palavras de Justino Martir (110-165):

"Atualmente existe uma aldeia na terra dos judeus, a 35 estádios de Jerusalém, em que nasceu Jesus Cristo, como vós também podeis averiguar nos registos dos tributos, feito ao tempo de Cirênio, vosso primeiro procurador da Judéia." — *First Apology*, cap. 34, em *The Anti-Nicene Fathers*, Vol. I, pág. 174:

"E depois de sua crucifixão lançaram sorte sobre sua veste, e aqueles que o haviam crucificado repartiram-na entre si. E se quiserdes assegurar-vos de que estas coisas aconteceram, consultai as Atas de Pôncio Pilatos." — *Idem*, cap. 35, em ANF, Vol. I, págs. 174 e 175.

Citamos, de Tertuliano (160-240):

"Portanto, Tibério, em cujos dias o nome cristão fez a sua entrada no mundo, pôsto que ele próprio recebera informação da Palestina dos acontecimentos que haviam demonstrado claramente a verdade da divindade de Cristo, levou o assunto à consideração do senado, com sua própria decisão em favor de Cristo. O senado rejeitou a proposição com

base em que não fôra ele mesmo quem dera a aprovação. César manteve-se firme em sua opinião, ameaçando com sua ira todos os acusadores dos cristãos. Consultai vossos anais de História, e achareis que foi Nero o primeiro a acometer a seita dos cristãos com a espada imperial." — *Apology*, cap. 5, em ANF, Vol. III, págs. 21 e 22.

"E quando ainda pendia da cruz, manifestou notáveis sinais que lhe distinguiram a morte de todas as demais. Espontaneamente, com uma palavra sua, despediu de si o espírito, antecipando-se à obra dos verdugos. E também, nesse instante retirou-se a luz do dia, quando o Sol alumia com resplendor meridiano. Quem ignorava que este fato fôra predito em ligação com Cristo, sem dúvida pensou que se tratava de um eclipse. Vós, porém, conservais em vossos arquivos, o registo deste preságio mundial." — *Idem*, cap. 21, em ANF, Vol. III, pág. 35.

Notemos esta declaração de Eusébio (260-340):

"E quando as nuvens da maravilhosa ressurreição e ascensão de nosso Salvador já se haviam dissipado, de acôrdo com um antigo costume que prevalecia entre os governos das Províncias, de comunicar ao imperador os sucessos que aconteceram em sua terra, com o propósito de que nenhuma coisa lhe passasse inadvertida, Pôncio Pilatos informou a Tibério as novas que se haviam difundido por toda a Palestina acêrca da ressurreição de nosso Salvador Jesus. Também enviou o relato de outras maravilhas que d'Ele ouvira, e como, depois de Sua morte, muitos O criam Deus." — *Church History*, ii. 2. 1, 2, em *The Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2^a. série Vol. I. pág. 105.

Orígenes (185-254), escreve:

"Quisera dizer a Celso, que representa os judeus, que por algum motivo aceitam a João como batista, o qual batizou Jesus, que a existência de João o Batista, que batizava para a remissão dos pecados, foi objeto do relato de quem viveu não muito depois dos dias de João e Jesus. Porque no livro 18^o. de suas *Antiquidades dos Judeus*, Josefo dá testemunho de João como que era batista, e prometia a purificação a quem passasse pelo rito. Pois bem, embora esse escritor não crese em Jesus como o Cristo, ao investigar a causa da queda de Jerusalém e a destruição do templo, apesar de que devia haver dito que a conspiração contra Jesus era a causa dessas calamidades acontecidas ao povo, pôsto que condenaram à morte Jesus, que era profeta, entretanto diz — embora contra sua vontade — que esses desastres sobrevieram aos Judeus como castigo pela morte de Tiago, o justo, que era irmão de Jesus (chamado o Cristo), a quem os judeus condenaram à morte, embora fôsse homem que sobressaía por sua justiça." — *Origen Against Celsus*, i. 47, em ANF, Vol. IV, pág. 416.

Outros Testemunhos

Napoleão Bonaparte, cujo nome uma vez fez tremer a Europa, fez uma declaração acêrca de Jesus, quando esteve cativo em Santa Helena:

"Ao conversar, segundo o seu costume, acêrca dos grandes homens do mundo antigo, e com eles comparar-se, diz-se que se voltou para o Conde de Montholon, e perguntou-lhe: 'Pode dizer-me quem era Jesus Cristo?' Não houve resposta. Napoleão prosseguiu: 'Bem, então eu vo-lo direi: Alexandre,

César, Carlos Magno e eu próprio fundamos grandes impérios; mas, de que dependem essas criações de nosso gênio? Da força. Só Jesus fundou o Seu império no amor, e hoje mesmo há milhões que por Ele morreriam. . . . Creio conhecer alguma coisa da natureza humana, e digo-vos: Todos esses foram homens, eu mesmo sou homem: mas ninguém há que seja como Ele; Jesus Cristo é mais do que homem. . . . Todos quantos sinceramente nEle crêem, experimentam esse notável amor sobrenatural a Ele. Este fenômeno é inexplicável; está completamente fora do alcance das faculdades criadoras do homem. O tempo, grande aniquilador, é impotente para extinguir esta chama sagrada. . . . Tal coisa é o que me demonstra muito convincentemente a divindade de Jesus Cristo." — H. P. Liddon, *The Divinity of our Lord and Saviour Jesus Christ*, pág. 150.

Rousseau, deísta sentimental apresentou os seguintes argumentos:

"Se a vida e a morte de Sócrates são as de um sábio, a vida e a morte de Jesus são as de um Deus. Diremos que a história do Evangelho foi forjada por alguém? Meu amigo, não é essa a forma em que se inventa; e as obras de Sócrates,

que ninguém põe em dúvida, estão menos confirmadas do que as de Jesus Cristo." — Traduzido de *Emile*, Livro IV, em *Oeuvres Complètes de J. J. Rousseau* [Paris, Furne], 1835, Vol. II, pág. 597.

Diz-se de Keim, historiador e teólogo liberal alemão, que "ao passo que menoprezava o elemento milagroso do cristianismo, . . . considerava Jesus não apenas o maior de toda a Terra, mas o Filho, 'em quem o Pai Se revela a Si próprio.'" — H. Ziegler, *Keim Karl Theodor, The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, Vol. VI, pág. 306.

Fernando Christian Baur, crítico de tendência mormente extremista, reconhece:

"Na crença dos discípulos, a ressurreição de Jesus chegou a considerar-se um fato sólido e incontroverso. Foi nesta crença que o cristianismo adquiriu base sólida para o seu desenvolvimento histórico." — *The Church History of the First Three Centuries*, Vol. I, pág. 42.

Estes testemunhos extrabíblicos confirmam o que declara a Palavra de Deus. Lucas expressa-o enérgicamente em suas palavras introdutórias do livro dos Atos 1:1-3.

Onde Está o Espírito de Elias?

ROBERTO E. DUNTON

(Evangelista da Associação Setentrional de Colúmbia)

DIRIGINDO-SE apressadamente para a ribanceira do Jordão, Eliseu dobrou depressa a capa que havia pouco recebera de Elias, e feriu as águas, e "se dividiram elas para uma e outra banda". Estudantes da escola de profetas, próxima dali, testemunharam a cena, do topo das colinas adjacentes. Haviam eles visto, também, quando Eliseu, contemplando a trasladação de Elias, gritara: "Meu Pai, meu Pai, carros de Israel, e seus cavaleiros!"

Zeloso de Deus, Eliseu foi imediatamente tratar dos interesses de seu Pai. Se tivesse agido com tanta apatia como o fazem muitos hoje em dia, não teria recebido a medida dupla do Espírito. A atitude de mornidão da parte do obreiro constitui afronta a Deus, é um desapontamento para os homens, e um cheiro de morte para o próprio servo.

Onde está o zelo evangélico ardente que caracterizou os homens da tèmpera de Eliseu? Tem-se evidenciado esporadicamente — no tempo dos apóstolos, durante a Reforma, e durante o despertamento religioso americano da década de 1880. Mesmo hoje lateja no coração de pessoas consagradas. O povo de Deus dêle testifica e presta serviço oral. Muitas vezes, porém, não há demasiado falar, e pouca atividade?

A crítica esfriou o ardor de muitas pessoas, mas isso não será desculpa suficiente quando nos encontrarmos com Jesus. Trabalhamos em prol da humanidade caída, mas trabalhamos *para* Deus. Davi não pôde lutar com a armadura de Saul. Assim, os métodos podem variar com o orador. Mas Cristo busca evangelistas hoje — homens cheios do Espírito que tenham lutado com Deus em oração em prol dos perdidos, que se preocupem pelos indiferentes, que "orem entre o pátio e o altar", que "suspiram e . . . choram por tôdas as abominações" de Israel.

Satanás nos impregnou do torpor de Laodicéia. A mundanidade penetra em nosso meio. Estão sendo abaixadas as antigas normas? Esse é o perigo de crescermos e desfrutarmos de maior popularidade. Pleiteamos com os leigos para que despertem, mas temos que primeiramente ter um ministério avigorado. Se cada arauto da mensagem do advento buscar a Deus de joelhos, e depois, de seu púlpito, elevar a sua voz como a de uma trombeta, proclamando com vigor a mensagem, os homens irão ouvi-lo. A luz que irradia da Palavra de Deus iluminará então a senda do dever, e Israel avançará.

A causa do evangelismo enlanguece quando mais e mais as igrejas se arrimam ao seu pastor. Isto enfraquece a igreja e rouba ao ministro seu tempo para evangelismo e, finalmente, o próprio *desejo* de evangelizar. Ensinemos o povo a olhar para a cruz de Cristo, como Israel olhou para a serpente de bronze.

"Existem muitos faladores petulantes da verdade bíblica, cuja alma está tão desprovida do Espírito de Deus quanto estavam, do orvalho e da chuva, os montes de Gilboa. O de que precisamos, porém, são homens inteiramente convertidos e que possam ensinar outros a entregarem o coração a Deus. Quase deixou de haver em nossas igrejas o poder da piedade." — *Testimonies*, Vol. V, págs. 166 e 167.

Com o Elias de outrora, perguntemos: "Onde está o Deus de Elias?" Não vive Deus, ainda? Não dividirá Ele para nós as águas do Jordão? Oremos irmãos, para que Deus nos impressione o coração com a responsabilidade dos perdidos. Apellando para o nome do Senhor, com ânimo e renovado zelo levemos a última mensagem de advertência ao mundo agonizante.

Como Planejar um Programa Anual para a Igreja

JOHN W. OSBORN

(Presidente da Associação de Nova Jersey, E. U. A.)

OCASIÕES há em que o pastor sai do púlpito, sábado pela manhã, completamente envergonhado de seu fracasso na pregação da Palavra. Com expectativa intensa, o rebanho esperava ser alimentado, mas tudo quanto recebeu foi palha. Ele está profundamente ciente de seu fracasso, e esse reconhecimento muitas vezes lança uma sombra sobre o seu dia.

Muitas vezes isso é devido ao preparo inadequado que, por sua vez, é devido a planejamento fraco. As ocupações assoberbantes da semana adiaram o preparo do sermão até aos umbrais do sábado. Então é que decidirá sobre que irá pregar, e busca à pressa assimilar material digerido. Prega com desconforto e apreensão, a congregação percebe a falta do preparo.

Infelizmente este exemplo se torna muitas vezes hábito. O ministro desenvolve a mediocridade, a congregação continua a sofrer em silêncio, esperando que haja troca de pastor. Pior ainda é que o Senhor Se envergonha dessa espécie de trabalho.

Conseqüentemente Paulo adverte o ministro com estas palavras: "Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade. II Tim. 2:15". Obreiro que não tem de que envergonhar-se é obreiro que estuda. Obreiro que estuda é obreiro que planeja o seu estudo.

O planejamento de uma série de sermões com um ano de antecipação, estabelece orientação aos hábitos de leitura do pastor. O conhecimento antecipado do assunto do sermão da semana seguinte, leva ao preparo bem antecipado e adequado. Os pastores que são poderosos no púlpito, semana após semana, são em geral homens que devotam esforço longo e ardoroso à sua tarefa. São homens que planejam seus sermões com meses de antecipação. O notável ministro presbiteriano contemporâneo, Clarence Macartney, em seu livro *Preaching Without Notes*, pág. 90, faz esta observação: "É altamente importante que o pregador planeje o seu trabalho com bastante antecedência".

Henry Sloan Coffin, escolhido para assumir a cátedra de Lyman Beecher em Yale, faz alguns anos, seguiu o mesmo método: "Distribuí os assuntos das pregações, tanto quanto possível, no terreno das previsões, durante um ano inteiro. ... Impus-me começar um de meus sermões [ele falava duas vezes por domingo] na terça-feira pela manhã. Isto para evitar o acúmulo de trabalho no fim da semana." — Em *Here Is My Method*, (Edição McLeod), págs. 53 e 54.

Quando Planejar os Sermões para o Ano

Como devem ser planejados os sermões para o ano? Poderá ser dito, de passagem, que o melhor tempo para planejar os sermões para o ano são os meses do inverno. Em muitos casos o período

mais suave do ano para o pastor é a época das férias. Se o inverno for tempo de muita ocupação, deve o pastor escolher a época mais aliviada do ano para este planejamento, considerando ele essa época o seu ano pastoral.

O primeiro passo é riscar uma folha de papel. Isto pode ser feito de duas maneiras. Tomai uma folha de papel de carta e riscai nela cinco colunas verticais, de igual largura. Riscai, horizontalmente, onze linhas paralelas. Com isto feito tereis 55 retângulos, suficientes para os 52 sábados do ano. Em cada um desses retângulos, escrevei, no ângulo esquerdo superior, o mês e a data do respectivo sábado. O espaço restante será usado para o tema do sermão. Todo o plano de um ano pode, assim, ser visto num relance, quando os retângulos houverem sido preenchidos com os respectivos assuntos.

A folha de papel pode também ser preparada na maneira seguinte: Os meses do primeiro trimestre podem ser escritos a máquina, por colunas, em espaço triplo, com a data de cada sábado debaixo do mês correspondente. Há, numa folha de papel de carta, espaço para o primeiro e segundo trimestres do ano, em duas colunas. Ao lado de cada data será escrito o tema para esse dia.

Consideremos agora sete fatores que podem ser proveitosos no planejamento dos sermões do ano:

1. *Calendário Denominacional.* — O calendário denominacional, geralmente chamado Calendário Missionário da Igreja, contém certas exigências. Há dias especiais que exigem sermões especiais, tais como os dias pró-Liberdade Religiosa, Educação e Temperança. Além disso, há dois sábados da Semana de Oração e quatro da cerimônia da Santa Ceia. Esses, automaticamente se enquadram no projeto dos sermões para o ano.

2. *Calendário Secular.* — O calendário que indica os feriados e fastos nacionais também fornece sugestões para assuntos de sermões. A Páscoa, se bem que não seja oficialmente celebrada pelo nosso povo, é momento excelente para pregar-se a ressurreição e assuntos correlatos. O Dia das Mães fornece a oportunidade para um sermão sobre algum aspecto das relações de família. O Natal oferece a oportunidade para um sermão sobre a encarnação.

3. *Grupos Especiais.* — Ao planejar os sermões para o ano tem o pastor de pensar nas necessidades dos membros jovens de sua congregação. Nas igrejas maiores, deve ser dedicado um dia aos casais jovens, com uma mensagem apropriada. Isto é muito oportuno e proveitoso, em vista do número alarmante de casamentos fracassados. Há os jovens, que necessitam de sermões especiais, para eles preparados. Os sermões planejados para os jovens da congregação devem ser pregados nos sábados da Semana de Oração dos Jovens. Também há as necessidades das crianças. Anos a fio seguí o costume de, uma

vez por trimestre, dedicar às crianças vinte e cinco minutos da hora do culto. Isto pode não ser factível nas igrejas maiores, mas é altamente recomendável na maioria das congregações. Nas congregações em que haja bastantes crianças, pode realizar-se uma vez por mês, ou mais freqüentemente, um culto especial para elas, à parte do culto regular da igreja.

4. *Problemas Congregacionais.* — Os sermões devem ser planejados para atender às necessidades específicas e individuais da congregação. Dois meios há pelos quais o pastor pode descobrir essas necessidades. Em sua visita pastoral, descobrirá êle problemas especiais, comuns à maioria de seus membros. O planejamento de sermões que atendam a essas necessidades tornará o seu ministério muito mais prático e eficaz. Neste particular deve ser feita uma advertência: Sob nenhuma circunstância deverá o pastor, em seu sermão, trair a confiança de um membro. Seria injusto e imperdoável.

Outro método de averiguar as necessidades especiais da congregação é uma fôlha de inquérito. Periódicamente, talvez anualmente, pode o pastor mandar mimeografar uma fôlha de inquérito, em que fará constar assuntos que considerará de interesse geral, os quais os membros poderão assinalar. Ele animará cada membro a assinalar o assunto que pense deva ser apresentado pelo pastor em data posterior.

5. *Assuntos de Reforço Espiritual.* — Há certos assuntos que devem figurar anualmente no calendário de sermões do pastor. Muitos pastores concordam com que nunca deve passar um ano sem haver pelo menos um sermão sobre os temas seguintes: Espírito de Profecia, Mordomia, Segunda Vinda de Cristo e Conquista de Almas.

6. *Sermões em Série.* — O interesse da congregação no culto de sábado é aumentado pelos sermões em série. Se o pastor quiser, poderá apresentar até três séries pequenas num ano. É crença generalizada de que, com raras exceções, o interesse não é mantido além de seis a oito sábados.

O pastor que sabe com um ano de antecedência o que irá sermonear, dispõe de tempo suficiente para o preparo dessa série. Os assuntos para os sermões em série são infundáveis. Pode ser apresentada uma série sobre biografias. Pode, também, ser escolhida uma série sobre a vida de Cristo, doutrinas bíblicas ou um livro da Bíblia.

7. *Sugestões do Espírito de Profecia.* — Finalmente, na leitura sistemática do Espírito de Profecia, o pastor encontrará declarações da serva do Senhor referentes aos assuntos que devem ser apresentados aos nosso povo. Por exemplo, no livro *Obreiros Evangélicos*, capítulo "O Ministro no Púlpito", págs. 143 a 156, serão achadas umas quantas destas referências, tais como: "Alguns ministros pensam não ser necessário pregar *arrepentimento e fé*. . . . Muitas pessoas, no entanto, são lamentavelmente ignorantes quanto ao plano da salvação; precisam mais de instrução quanto a êsse tema todo-importante, do que sobre qualquer outro." — Pág. 154.

Pela adoção dêste plano o pastor nunca precisa ficar perplexo sobre que deverá pregar. Das sugestões já enumeradas existem possibilidades para quarenta e quarto sermões. Dois mais serão preenchidos como o advento da assembléia bial. O pastor estará ausente dois outros sábados por motivo de

suas férias, o que perfaz o total de quarenta e oito. Há, no decorrer do ano, pregadores de fora, convidados, que tomarão conta dos quatro sábados restantes e perfarão o total de cinquenta e dois.

Um programa desta maneira planejado poderá ser introduzido noutros aspectos das responsabilidades ministeriais. Os empreendimentos evangélicos podem ser cuidadosamente organizados por êste modelo, com meses de antecedência: O evangelismo pessoal e a atividade leiga, se planejados desta forma, serão menos casuais e mais eficientes.

Os resultados desta maneira de planejar serão mais satisfatórios. Do ponto de vista pastoral, anima a preparação mais oportuna e melhor dos sermões. Capacitará o pastor para fazer do culto público uma unidade integral, com hinos, orações e a Escritura, todos integrados no tema do sermão. Tornará possível a divulgação antecipada no boletim da igreja e nos jornais. Ajudá-lo-á a progredir homilêticamente. Elevá-lo-á da mediocridade.

Os membros dessa congregação serão mais felizes porque estarão mais bem alimentados. Terão êles interesse duplo na freqüência da igreja aos sábados. Tirar-lhes-á o nervosismo que têm alguns membros pela incerteza de qual será o próximo sermão do pastor. Nunca possuem o conhecimento da espécie de sermão que o pastor pregará, pelo que deixam de trazer seus amigos de outras crenças.

Lugar para a Operação do Espírito

Podem alguns pensar que êste plano não deixa margem para que o Espírito impressione o ministro quanto à mensagem a ser transmitida no sábado. Verdade é que talvez alguma ocorrência na experiência pastoral ou acontecimento mundial importante exijam a alteração do calendário anual dos sermões. Portanto, qualquer tabela anual de sermões, tal como um horário de estrada de ferro, deve estar "sujeita a alteração sem aviso prévio." Com essa margem de flexibilidade, será feita ampla provisão para a guia do Espírito Santo.

Por outro lado, o Espírito Santo não está limitado a impressionar a pessoa apenas em tempo de crise. Êle pode influenciar o homem no preparo para as necessidades de seu rebanho com um ano de antecedência, tanto quanto com uma semana de antecipação.

Existe uma escola de raciocínio que ensina não ser necessário preparo árduo, que o Espírito Santo concederá uma mensagem na mesma hora. Isto é verdade em certo grau. Um sermão não deve ser tão cuidadosamente planejado que o Espírito Santo não possa ter nêle entrada alguma. O planejamento do sermão não deve excluir a Sua atuação. Entretanto, se o Espírito Santo estiver presente no preparo do sermão, não é provável que esteja ausente quando fôr proferido. Êle despertará lampejos de inspiração. Desenvolverá a espontaneidade. Acrescentará aquela alguma coisa misteriosa que, qual um dardo, introduz a mensagem até ao coração.

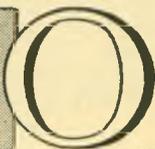
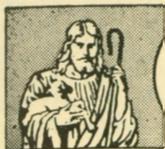
Talvez isto possa ser mais bem ilustrado mediante a história que Martim Niemöller gosta de contar acerca do Dr. Klaus Harms, célebre revivalista do norte da Alemanha. Estava o Dr. Harms visitando uma assembléia de ministros. Um dos membros mais

ovens do grupo disse: "Eu nunca preparo os meus sermões, pois tenho a absoluta confiança em meu Senhor e Salvador, e no Espírito Santo, e sei que as palavras me serão concedidas, conforme a promessa." A isto respondeu o Dr. Harms: "Tenho agora setenta e cinco anos de idade, e prego há já cinqüenta anos, mas preciso confessar que em todo o tempo que ocupei o púlpito, jamais o Espírito Santo me falou uma única palavra. Isto é, como exceção de uma vez. Falou-me, muitas vezes, porém, ao sair eu do púlpito, e o que me disse foi isto: 'Klaus, você tem andado muito preguiçoso!'" — *The Pulpit Digest*, dez.º de 1952, pág. 22.

O planejamento de um ano de sermões deixa suficiente margem para a inspiração do Espírito, se

bem que faça arranjos para a transpiração. A inspiração sem a transpiração é geralmente "sem forma, e vazia." A transpiração sem a inspiração é destituída de vida. Tal como o vale de ossos secos de Ezequiel, não há nela fôlego. Mas os dois unidos produzem uma substância espiritual que comunicará vida e vigor a qualquer organismo espiritual. A transpiração fornece o material. A inspiração atea-lhe fogo.

A conclusão de tóda a matéria é esta: O planejamento de vosso ano de sermões auxiliar-vos-á a tornar-vos em obreiro que alcança a aprovação divina, "obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade."



BRA PASTORAL

Como Ter Melhores Cultos de Oração

O CULTO de oração é uma das reuniões mais importantes e que mais beneficiam a irmandade. Demos-lhe, pois, como ministros responsáveis pela congregação, a devida importância que tem para o rebanho que está suportando da parte do inimigo tóda espécie de sutis assaltos.

Convencidos primeiramente nós mesmos da necessidade dèsses cultos, devemos fazer planos definidos para melhorá-los no que fôr possível. A igreja precisa de melhores reuniões de oração e merece nossa dedicação, fruto de um maior senso de responsabilidade.

Consta-nos que muitos são os irmãos que languecem espiritualmente e dormitam na fé, os quais, na metade da semana, necessitam de outro tônico para manterem-se fortes na esperança adventista. Esta espécie de reuniões será um remédio também para os novos na fé, expostos a enfermidades e aflições de tóda índole.

Por que fracassam em alguns lugares os cultos de oração? Vimos cultos a que assistia apenas uma parte mínima dos irmãos, o que, em vez de produzir bênçãos, mais é causa de desânimo. Essas igrejas sofrem e não aproveitam o que poderiam receber. Geralmente é a igreja a acusada desta situação, certamente objetável, mas talvez boa parte da falta resida em nós mesmos. Lembremo-nos do que disse o profeta: "Como é o sacerdote, assim será o povo".

Para ter melhores cultos de oração, devemos em primeiro lugar planejá-los devidamente e em seguida levá-los a cabo de acórdio como os planos preconcebidos. Nada bom se consegue como fazer as coisas ao azar. Deve dar-se ao assunto a atenção e importância que merece.

Como é lógico, o primeiro passo é conseguir que os membros assistam às reuniões. Para assegurar uma boa assistência, devemos: 1º. Anunciar estes cultos, sábado pela manhã, mostrando nós mesmos o devido interesse por eles, e não demoraremos em ver os resultados. 2º. Fazer constantemente trabalho pessoal em favor destas reuniões, convidando todos, velhos e novos na fé, bem como os interessados, para a elas assistirem. 3º. Educar os novos crentes na assistência a todos os cultos da igreja, pois assim como os encaminhamos na vida cristã, ao princípio, assim andarão depois.

Uma vez conseguida a boa assistência aos cultos, devemos esmerar-nos por mantê-la também, isto se consegue somente se os tornarmos o mais interessantes, proveitosos e abençoados possível. Notemos o que nos é dito em *Serviço Cristão*, pág. 126:

"Dever-se-ia tornar nossas reuniões intensamente interessantes. . . Que não haja aí longos e insípidos discursos, e orações formais, feitos unicamente para ocupar o tempo. . . Seu serviço se deve tornar interessante e atrativo não se permitindo que degenerem numa formalidade insípida. . . A igreja necessita da experiência nova e viva dos membros que mantêm uma habitual comunhão com Deus. Testemunhos e orações insípidos, batidos, destituídos da presença de Cristo, não ajudam ao povo."

A parte central e vital dèstes cultos é, por certo, a mensagem; portanto, deve ela ser bem estudada e apresentada na forma mais interessante e atrativa possível. As improvisações nunca dão bons resultados. Temos comprovado que às vezes o pregador chega tarde e sem haver preparado seu assunto, e no último momento escolhe um versículo ao acaso, comentando-o de maneira superficial. Não

devemos confiar na inspiração do momento. Isto não dá resultado nem produz bênção alguma. O povo do Senhor precisa de uma mensagem substancial nas noites de quarta-feira, também, e merecê-la. Deus nos ajudará e fará Sua parte, se fizermos a nossa, preparando devidamente nossos assuntos.

Isto implica necessariamente em três coisas: Oração, meditação e estudo. Os irmãos dão-se facilmente conta da diferença que há entre um estudo devidamente preparado e outro improvisado. Não podemos enganá-los.

Os assuntos devem ser escolhidos com cuidado especial. Pode usar-se uma continuidade de estudos sobre um tema básico e transcendental para a igreja, como, por exemplo: "O Espírito Santo", "A Justificação pela Fé", "O Grande Movimento Adventista", "O Salmo 23" e outros, que produzam consolação, paz e júbilo à alma. Se os temas forem ilustrados com projeções luminosas, obtêm-se resultados ainda melhores. Os estudos devem ser curtos e apresentados de maneira tal que deixem nos corações um ensino claro e prático. Os assuntos de confirmação na doutrina adventista, usados no princípio do ano, serão de muita utilidade especialmente para os recém-batizados. Os estudos pós-batistais podem ser adaptados e usados com bom-êxito nestas reuniões.

O haver muitas vezes irmãos que se levantam

para dar um testemunho espontâneo, é uma prova de que têm desejo de expressar publicamente seu agradecimento e louvor a Deus pelas bênçãos recebidas. Devemos proporcionar-lhes amiúde a oportunidade de darem testemunhos, bem como de relatarem experiências missionárias relacionadas com as campanhas em prossecução.

A oração é uma fonte excelente de fortaleza espiritual. Por isso deve proporcionar-se à maior parte dos irmãos a oportunidade de orarem. Nas igrejas maiores, torna-se necessário formar grupos de oração. Convém fazerem-se orações com petições específicas. Aconselha-se orar em favor da obra do rádio, especialmente. Uma vez por mês podemos dedicar orações em favor das conferências de evangelização, dos enfermos e dos que têm problemas para resolver ou passam por dificuldades. Também convém mencionar nas reuniões de oração as campanhas missionárias.

Desta maneira estes cultos representarão um centro de interesse para todos e produzirão bênçãos preciosas e incalculáveis. "Nossas reuniões de testemunhos devem tornar-se ocasiões de auxílio e animação especiais." — *Serviço Cristão*, pág. 126.

José Riffel

- Diretor dos Departamentos de Atividade Missionária, Escolas Sabatinas e Rádio da Missão Uruguiaia.



CONSELHO do Espírito de Profecia

Convites para Ser os Principais Arautos de Cristo e de Seu Sacrifício

1. *Os Primeiros em Exaltar a Cristo.* — De todos os profetas cristãos, devem os adventistas do sétimo dia ser os primeiros a exaltar a Cristo perante o mundo... O grande centro de atração, Cristo Jesus, não deve ser deixado à parte." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 152.

2. *O Sacrifício como Centro e Fundamento.* — O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado, é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras... Isto tem de ser o fundamento de todo discurso feito por nossos ministros. — *Idem*, pág. 312.

3. *Representantes do Sangue.* — Devemos chegar a ser representantes da virtude do sangue de Cristo, pelo qual nossos próprios pecados foram perdoados. Somente assim poderemos alcançar as classes mais elevadas. — *Testimonies*, Vol. VI, pág. 82.

4. *Um Sistema Completo da Verdade.* — Cristo, Seu caráter e Sua obra, é o centro e a periferia de toda a verdade. É a corrente em que estão concatenadas as gemas da doutrina. N'Ele se encontra o sistema completo da verdade. — *Review and Herald*, 15 de agosto de 1893.

5. *A Ciência da Salvação.* — Cristo crucificado por nossos pecados, Cristo ressuscitado, Cristo assunto ao Céu, é a ciência da salvação que devemos aprender e ensinar. — *Testimonies*, Vol. VIII, pág. 287.

6. *Apresentar a Cristo em Sua Plenitude.* — Os ministros precisam apresentar a Cristo em Sua plenitude, tanto nas igrejas, como em novos campos... É o estudado desígnio de Satanás impedir as almas de crer em Cristo como sua única esperança. — *Obreiros Evangélicos*, pág. 158.

7. *Não Permitir Coisa Alguma como Suplementar.* — Seja a ciência da salvação o tema central de todo sermão... Não introduzais em vossas pregações coisa alguma que seja um substituinte de Cristo. — *Idem*, pág. 156.

8. *Fundamento do Evangelho.* — Sermão algum deve ser feito, no entanto, sem apresentar a Cristo, e Cristo crucificado, como o fundamento do evangelho. — *Test. Sel.*, Vol. I, pág. 525.

9. *Cristo em Cada Sermão.* — Jesus é o centro vivente de todas as coisas. Apresentai a Cristo em

cada sermão. — *Review and Herald*, 19 de março de 1895.

10. *Cristo é Nosso Apoio*. — Cristo e Sua justiça; seja este o nosso apoio, a verdadeira vida de nossa fé. — *Idem*, 31 de agosto de 1905.

11. *Encarnação, Expição e Mediação*. — O estudo da encarnação de Cristo, de Seu sacrifício expiatório e obra mediadora, ocupará a mente do diligente estudante enquanto o tempo durar. — *Obreiros Evangélicos*, pág. 248.

12. *Anular os Ataques de Legalismo*. — A mensagem do Evangelho da graça divina deve ser transmitido à igreja em termos claros e distintos, para que o mundo não possa dizer muito tempo mais que os adventistas do sétimo dia falam da lei, mas não pregam a Cristo nem nEle crêem. — *Testimonies to Ministers*, pág. 92.

13. *Apontar ao Cordeiro de Deus*. — Exaltai a Jesus, vós que ensinai o povo, exaltai-O nos sermões, em cânticos, em oração. Que tôdas as vossas forças convirjam para dirigir ao “Cordeiro de Deus” almas confusas, transviadas e perdidas. — *Obreiros Evangélicos*, pág. 155.

14. *Tôda Doutrina Verdadeira Centralizada em Cristo*. — Nunca deverá ser pregado um sermão nem dado um estudo bíblico sem dirigir a atenção dos ouvintes para o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (S. João 1:29.) Cada doutrina verdadeira faz de Cristo o centro, cada preceito recebe poder de Sua Palavra. — *Testimonies*, Vol. VI, pág. 54.

15. *São Estes os Nossos Temas*. — São estes os nossos temas: Cristo crucificado pelos nossos pecados; Cristo ressuscitado dentre os mortos; Cristo nosso intercessor perante Deus; e intimamente relacionado com estes assuntos acha-se a obra do Espírito Santo. — *O Evangelismo*, pág. 187.

16. *Exaltar a Cruz*. — Exaltai-O, o Homem do Calvário, mais e mais. Há poder na exaltação da cruz de Cristo. — *Idem*.

17. *O Amor Derruba o Preconceito*. — A fim de derribar as barreiras do preconceito e da impenitência, deve o amor de Cristo ocupar um lugar em cada sermão. — *Idem*, pág. 189.

18. *A Nota Predominante de Cada Mensagem*. — A volta de Cristo ao nosso mundo não será muito demorada. Seja esta a nota predominante de cada mensagem. — *Test. Sel.*, Vol. III, pág. 12.

19. *A Excelente Justiça de Cristo*. — A mensagem da justiça de Cristo há de soar desde uma até a outra extremidade da Terra. . . . Esta é a glória

de Deus com que será encerrada a mensagem do terceiro anjo. — *Idem*, Vol. II, pág. 374.

20. *Até que Cristo Esteja Formado em Vós*. — Jesus é o centro vivente de tôdas as coisas. Ponde a Cristo em cada sermão. Que a formosura, a misericórdia e a glória de Jesus Cristo sejam contempladas até que Cristo, a esperança da glória, seja formado internamente. — *Review and Herald*, 19 de março de 1895.

21. *Mostrar a Necessidade da Expição*. — Cristo deve ser pregado, não em forma de controvérsia, mas de maneira afirmativa. . . . Reuni as mais vigorosas declarações afirmativas atinentes à expiação que Cristo fez pelos pecados do mundo. Mostrai a necessidade dessa expiação. — *Evangelismo*, pág. 187.

Devem êles apontar-lhes a Cristo, tal como o fez João, e com comovedora simplicidade, tendo o coração abrasado do amor de Cristo, dizer: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. — *Review and Herald*, 22 de fevereiro de 1887.

22. *Prender a Atenção pela Apresentação de Cristo*. — Prendei, porém, a atenção do povo apresentando-lhe a verdade tal como ela é em Jesus. Mantende diante dêles a cruz do Calvário. — *O Evangelismo*, pág. 150.

23. *O Sol da Justiça Dissipa as Trevas*. — Dissipai como o reflexo da brilhante luz do Sol da Justiça, a nuvem de treva que paira sobre as mentes. — *O Evangelismo*, pág. 170.

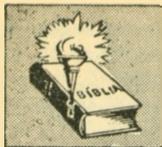
24. *Menos Controvérsia, Mais de Cristo*. — Precisamos muito menos controvérsia, e muito mais apresentação da pessoa de Cristo. Nosso redentor é o centro de tôda a nossa fé e esperança. — *Idem*, pág. 172.

25. *A Verdade Simples, Cristocêntrica*. — Com quanto mais clareza os ministros discernam a Cristo e Lhe captem o Espírito, tanto mais eficazmente pregarão a verdade simples, da qual Cristo é o centro. — *Review and Herald*, 24 de março de 1896.

26. *Apresentar a Cristo em Sua Plenitude*. — A preocupação de cada mensageiro deverá ser o apresentar a plenitude de Cristo. — *Idem*, 19 de março de 1895.

27. *O Sacrifício de Cristo é Suficiente*. — Ao pregar-se a mensagem do terceiro anjo como deve fazer-se, há poder em sua proclamação, que chega a ser uma influência permanente. Tem ela de ser acompanhada do poder divino, ou nada realizará. . . . O sacrifício de Cristo é suficiente; Ele ofereceu a Deus um sacrifício eficaz e pleno; e os esforços humanos sem o mérito de Cristo, são inúteis. — *Idem*, 19 de agosto de 1890.

“Cristo envia Seus mensageiros a tôda parte do Seu domínio para comunicar aos Seus Servos a Sua vontade. Anda Ele no meio de Suas igrejas. Deseja santificar, elevar e enobrecer os Seus seguidores. A influência dos que crêem nEle será no mundo um cheiro de vida para vida. Cristo tem em Sua mão direita as estrêlas, e tem o propósito de fazer com que, por meio delas, a Sua luz brilhe, resplandeça para o mundo. Assim quer Ele preparar Seu povo para serviço mais elevado na igreja celeste. Conferiu-nos Ele um grande trabalho para fazer. Façamo-lo com fidelidade. Mostremos em nossa vida o que a graça divina pode fazer em prol da humanidade”. — *Test. Sel.*, [Edição mundial], Vol. III, págs. 213 e 214.



ESTUDOS BÍBLICOS

O Segredo da Verdadeira Felicidade

ENRIQUE NEUMANN

(Presidente do S. D. A. Theological Seminary)

I. Introdução

1. Todos buscam a felicidade na vida.
2. Pouquíssimos são realmente felizes. Dizem alguns que a felicidade é apenas uma ilusão.
3. A felicidade não é um objetivo, mas um estado de espírito.
4. A confusão entre o prazer e a verdadeira felicidade.
5. O temor e a insegurança em nossos dias são os inimigos da felicidade.
6. A consciência enfêrma é outro fator de infelicidade.

II. O Motivo da Infelicidade

1. Não há paz senão na harmonia com Deus (Isa. 57:21).
2. Existe temor se não houver harmonia com Deus (Prov. 10:24).
3. Não existe paz onde há pecado (Sal. 38:2 e 3).
4. O pecado separou-nos de Deus (Isa. 59:2).
5. A separação de Deus é infelicidade (Sal. 38:4, 6 e 10).

III. Como Vencer a Infelicidade

1. Se a separação de Deus produziu infelicidade, a reconciliação e a salvação produzirão júbilo (Sal. 51:8 e 12).
2. Encontraremos felicidade na guarda dos mandamentos (Isa. 48:18).
3. Acharemos paz na guarda da lei de Deus (Sal. 119:165).
4. Eliminaremos a infelicidade por confiar, entregar nossos caminhos ao Senhor e descansar n'Ele (Sal. 37:3-7).

IV. A Verdadeira Felicidade da Vida

1. Sòmente na genuína experiência cristã existe libertamento de:
 - a. Temor (I S. João 4:18, Isa. 43:5; Sal. 56:3 e 4).
 - b. Aflição e ansiedade (S. Mat. 6:25).
2. Sòmente na genuína experiência cristã existe:
 - a. Paz (Isa. 24:12; 32:17; S. João 16:33).
 - b. Repouso e confiança (S. Mat. 11:28).
 - c. Verdadeira felicidade (Sal. 33:1; 128:1 e 2; Prov. 16:20; Sal. 16:11).

A Recompensa de Tudo Abandonar

THELMA A. SMITH

(Instrutora Bíblica, União das Ilhas do Sul da China)

I. O Evangelho Reclama Abnegação

1. Jesus Se dispôs a, por nós, renunciar ao Céu (S. João 3:16; S. Mat. 26:38-44; 27:46).
2. Abraão abandonou sua parentela (Gên. 12:1 e 4).
3. Moisés preferiu sofrer aflição com o povo de Deus (Heb. 11:24 e 25).
4. O testemunho de Paulo: "Tenho também por perda *tôdas as coisas*" (Fil. 3:4-8).

II. Nenhum Sacrifício É Grande Demais

1. "Negue-se a si mesmo" (S. Luc. 9:23-26).
2. "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim" (S. Mat. 10:34-38).
3. "Que aproveita ao homem" (S. Mat. 16:24-26).
4. "Deixaram tudo, e O seguiram" (S. Luc. 5:11, 27 e 28).

III. Aceitar o Convite de Cristo

1. A parábola da grande ceia (S. Luc. 14:16-27).

2. A advertência de Cristo (S. Luc. 14:33).

IV. Considerar o Custo

1. Os sofrimentos agora; a glória depois (Rom. 8:17 e 18).
2. Sofrer com Cristo; reinar com Ele (I Tim. 2:12; I S. Ped. 4:12 e 13).
3. Por meio de muita tribulação entrar no Reino (Atos 14:22).
4. Congregados os santos que se sacrificaram (Sal. 50:5).

V. A Recompensa Agora e Eternamente

1. Receber bênçãos centuplicadas agora, e depois a vida eterna (S. Mat. 19:27-29; S. Luc. 18:28-30).
2. "Abundância de alegrias" (Sal. 16:11).
3. As decisões acertadas produzem paz perfeita (Isa. 26:3).
4. "Paz ... que excede todo o entendimento" (Fil. 4:7).
5. Esperar confiante a volta de Cristo (II S. Ped. 3:14).



E VANGELISMO

Evangelismo, Um Princípio, Não um Expediente

J. R. SPANGLER

(Secretário da Associação Ministerial, Divisão do Extremo Oriente)

AS MENTALIDADES tacanhas falam acêrca do próximo; as médias, de acontecimentos; as superiores, sonham com idéias, para a futura realização do bem. No próprio corpo do homem é gerada a mais tremenda força explosiva conhecida na história — a força explosiva das idéias. Por meio da mente humana, foram concebidas e originadas idéias que, ou despedaçaram e mutilaram a mente e o corpo de milhões, ou refizeram e curaram os sofrimentos e ferimentos da humanidade.

Cristo possuía a espécie de mentalidade que sonhava com idéias que transformaram a História e fizeram apêlo impressivo ao coração de toda a humanidade. Cristo veio em forma humana a um mundo que pensava na morte. Ele sonhava com a vida eterna! Veio quando multidões se assentavam em trevas e não tinham luz. Sonhou com uma luz que brilhou para sempre! Também a mentalidade de Cristo apreendeu uma idéia que se tornou a paixão dominante de Seu coração e resultou na fixação do destino de muitos.

Assim, Seus sonhos de vida e luz tinham que ser partilhados com outros para que o espantallo da noite e o horror da morte fôssem banidos. Esta idéia alcançou a maturidade no dia da decisão em que Cristo pôs de parte Seus instrumentos de carpinteiro, encaminhou-Se para João Batista, e foi consagrado por Deus, pela água e pelo Espírito — como supremo Evangelista do universo. Desde a Sua infância até à cruz, Cristo foi evangelista! Irmãos, seja esta a nossa mentalidade hoje!

O evangelismo é para a igreja o que são as asas para o pássaro! Aparai as asas e o pássaro deixará de voar e, finalmente, rastejará! Atitude estranha para um pássaro — rastejar! Observar as asas feias e depenadas do pássaro recém-nascido, de maneira nenhuma leva a pessoa pensante a ridicularizar os futuros proveitos e utilidade destes instrumentos de vôo que algum dia conduzirão êsse pássaro através do espaço e das alturas do céu. Toda tentativa de apresentar esta verdade publicamente está provendo outro par de asas para a igreja. Verdadeiramente, muitas destas asas podem ser canhestras e depenadas no momento, mas o dia do juízo lhes provará o valor.

Noé, Exemplo Clássico de Resultados Fracos

Lembraí que o evangelismo é um princípio, e não um expediente. Os expedientes são para o momento, mas os princípios são para a eternidade. O princípio no evangelismo inclui tanto o plano

de semear como o de colher. Nenhum agricultor colheu trigo de um campo em que êle nunca haja plantado trigo. Além disto, uma reunião pública de freqüência mínima pode ter a atenção máxima das pessoas que a não freqüentam. Pode, também, ter resultados aparentemente mínimos, mas um máximo de resultados em futuras colheitas.

A experiência de Noé é o exemplo clássico de todos os tempos, de alguém que realizou trabalho de evangelismo público com resultados insignificantes quanto ao alvo de colheita. Talvez haja realizado umas 43.800 reuniões noturnas consecutivas, mais uma quantidade de classes bíblicas pela manhã e à tarde. Possivelmente, Noé admitiu como membros da igreja muitos milhares de almas (ler cuidadosamente *Patriarcas e Profetas*, págs. 102 e 103.) mas com o perpassar do tempo, êsses milhares abandonaram as fileiras de Noé, até que restaram apenas oito almas, inclusive êle próprio. Infelizmente, os arqueologistas não descobriram as atas da Associação Geral antediluviana, e todos os relatórios financeiros ficaram perdidos com o dilúvio, mas aparentemente todo o dinheiro da igreja, recebido durante os 120 anos, foi gasto na campanha evangélica de Noé. Muito do dinheiro foi empregado num grande equipamento visual, mais bem conhecido por uma arca. Estou certo de que se qualquer dos membros da comissão do orçamento houvesse sobrevivido à calamidade do dilúvio, Noé teria perdido suas credenciais e talvez até mesmo sua condição de membro da igreja, por motivo dos gastos avultados com tais resultados escassos. Uma coisa é certa quanto à atividade de Noé que, creio, justificou todo o assunto. O mundo recusou atender a êsse último convite religioso, mas cada pessoa teve conhecimento de sua campanha evangélica, embora nunca houvesse freqüentado culto nenhum. Portanto, algum dia haverão de estar sem desculpas perante Deus.

Homens do Momento Contra Homens do Futuro

Precisamos hoje lutar contra a infinita capacidade humana de engano próprio, no juízo que faz do evangelismo público à luz dos resultados imediatos ou mesmo futuros, em termos de pessoas batizadas ou salvas no Reino. Ridiculamente fácil é que os que dentre nós estão contaminados com o pessimismo, lamentem o dinheiro gasto no evangelismo público, com base em que os resultados são muito reduzidos. É, também, sublimemente sim-

ples para quem poderia ser chamado de homem do momento, simbolizar o nosso reinado com instituições suntuosas, novos edifícios-sedes, e equipamento — noutras palavras, uma denominação de material. Depois disso, se sobrar algum dinheiro, o evangelismo torna-se o recipiente para realizar o trabalho que não pode ser engarrafado, rotulado e posto numa prateleira como acréscimo ao nosso acervo material. Naturalmente, os homens do momento percebem que o evangelismo é empreendimento pouco rendoso. E no que concerne ao que podemos ver e contar, isso aparenta estar logicamente certo.

Há, porém, outra face desta história, que apresenta a alternativa mais difícil de sermos homens do futuro, homens que crêem na serva de Deus, que escreveu: “A boa semente semeada pode jazer par algum tempo num coração frio, mundano e egoísta, sem dar mostras de que haja lançado raízes; mas freqüentemente o Espírito de Deus atua sobre esse coração, e rega-o com o orvalho celestial, e a semente longamente escondida brota e finalmente produz fruto para a glória de Deus. *Não sabemos em nosso trabalho qual delas prosperará, se esta, se aquela. Estas não são perguntas a que nós, pobres mortais, respondamos.*” — *Testimonies*, Vol. III, pág. 248 (Grifo nosso.)

César e Napoleão foram homens do momento. Estabeleceram impérios materiais. O apóstolo Paulo foi homem do futuro. Tal como César, construiu

um império — mas era-lhe diferente em muitos aspectos. O império de Paulo não era de madeira, pedra e mármore, mas construído de corações vibrantes, tocados pelo Espírito Santo como resultado de suas atividades evangélicas.

Tiago White, Guilherme Miller e outros, andaram de cidade em cidade empunhando bem alto a espada flamejante da verdade do Advento. Eram homens do futuro — homens de visão e sonhos, com bastante firmeza e determinação com eles misturadas, para tornarem-nos realidades!

De todo o coração creio que temos em nossa Divisão homens do futuro! O espaço de que disponho não me permite apresentar, de cada União, ilustrações que provam este fato. Meu grande desejo é ver mais e mais feito publicamente para chamar a atenção para a nossa mensagem. Precisamos possuir equipamento para fazer funcionar com eficiência o nosso programa, mas também temos de incluir em nosso raciocínio mais e mais a importância de planejar um programa definido de evangelismo público. Isso feito, e mais e renovada ênfase de tornar cada escola, hospital, clínica, Casa Publicadora, um veículo de ganhar almas, podemos cooperar para que a chuva serôdia seja derramada abundantemente em nossos trabalhos.

Desejo findar com o apêlo veemente da mensageira do Senhor: “A obra evangelística... deve ocupar mais e mais o tempo dos servos de Deus.” — *O Evangelismo*, pág. 17.

Preparemos os Obreiros Jovens

C. M. BASCONCILLO

(Pastor-evangelista da Missão Central de Luçon, Filipinas)

A MEDIDA que os discípulos mais privavam com Cristo seu Senhor e Mestre, experimentavam uma sensação profundamente reconfortante. Era-lhes uma honra e um privilégio ouvirem-Lhe as instruções, trabalharem com Ele e beneficiarem-se com as correções feitas com tato e bondade pelo Evangelista-mestre.

Não posso pensar em outra associação mais doce e sagrada do que o companheirismo que existia entre nosso Senhor Jesus Cristo e Seus discípulos durante os três e meio anos de Seu ministério terrestre. Como pastor e copastores estudaram juntos, trabalharam juntos e juntos oraram. Isto aconteceu faz uns dois mil anos. Mas nós, que somos chamados para ser colaboradores Seus, podemos desfrutar hoje o mesmo companheirismo, se nos associamos uns com os outros e edificamos para a eternidade, dando a decisiva advertência para os últimos dias: “Prepara-te... para te encontrares com o teu Deus”.

O assunto que quero salientar é este: Podemos melhorar o companheirismo existente entre os edificadores?

Sejamos Cautelosos

Existe entre alguns de nós, pastôres ordenados, a tendência de crer que os recém-graduados possuem preparo mais valioso do que o que pode alcançar-se no campo do trabalho. Valorizamos tan-

to sua habilitação para trabalhar para Deus, que quando o jovem aspirante ao ministério dá os primeiros passos no terreno da experiência, podemos ficar desiludidos. Esperamos dêle demais no começo.

Conquanto seja certo que não devemos menosprezar o preparo dos jovens formados, temos que reconhecer que Deus os coloca sob nosso cuidado, com o objetivo de que sirvamos um “copo de água fresca” da fonte da experiência. Muito certo é que os professores de nossos colégios são homens de experiência. Mas o compacto programa dos colégios, com muita freqüência acabrunha de forma tal a professores e alunos, que impede a obra de partilhar os inestimáveis conselhos que são filhos da experiência. Neste sentido, nós, que estamos no campo, podemos cooperar com nossos irmãos dos colégios, ao suprir o que sabemos ser-lhes de necessidade vital.

Com esta idéia em mente, não devemos criticar demais os defeitos de nossos companheiros mais jovens. Em vez disso, nosso desejo deve ser o de modelar e formar os obreiros jovens para a glória de Deus, de modo que se tornem capazes de ocupar seus cargos na organização do Senhor. Pessoalmente, creio na necessidade de tolerar-lhes os erros, porque também os cometo. Sempre procuro ver nêles o melhor, porque creio que isso mesmo faz Deus comigo.

Amiúde se insinua em nosso ânimo de obreiros experimentados um desejo egoísta. Fácil é pensarmos que ao formá-los devidamente, esses jovens nos desviarão do alvo que nos propusemos atingir, ou talvez do cargo que já ocupamos. Este modo de pensar encerra perigo grave. Pode neutralizar todo o poder de realização dos obreiros mais antigos. Estamos na causa do Senhor porque fomos chamados. Visto tratar-se de Sua obra, e Ele tem a direção em Suas mãos, tem a prerrogativa de pôr e depor obreiros, para o bem de Sua igreja.

O desafio que se nos apresenta, como ministros ordenados, é a nossa oportunidade de fomentar o valor daqueles com quem estamos associados, com eles partilhando gratuitamente a sabedoria e a experiência que de Deus recebemos. Deve constituir para nós grande gozo e desafio maior, o fato de que aqueles a quem ajudamos, ocupem posições de maior responsabilidade que as que ocupamos. Representa um grande desafio espiritual o sermos capazes de minguar, ao passo que eles crescem.

Amor e Compreensão Maiores

Quem dentre nós passou por grandes aperturas, deve ser mais fervoroso e pedir a Deus consagração maior e mais amor, de modo que seja capaz de ajudar os jovens ministros a levarem a tocha da verdade a alturas por nós não atingidas.

Se temos demasiada tendência para criticar, não poderemos ajudar os obreiros jovens de personalidade em formação. Houve quem chegasse a recomendar que um aspirante ao ministério fôsse demitido da causa, sem que se lhe desse tempo suficiente nem ajuda para que chegasse a desenvolver-se.

Algumas vezes esperamos que outros se desenvolvam rapidamente demais, quando o Senhor foi tão paciente conosco. Cremos que o bom que em nós há deve ser tão variado como o que pensamos que os demais vêem em nós. É possível que o Construtor-mestre esteja formando nêles valores de outra espécie, em proveito do propósito para que os prepara. Nossa maior contribuição para a edificação da causa de Deus é a nossa capacidade de ver em nossos companheiros a mesma que Deus nêles vê.

Ajude-nos Deus a compreender que essa associação com os obreiros jovens é um dos privilégios ministeriais mais delicados e sagrados. Quando com eles me associo gosto de sentir que tenho uma responsabilidade que fala da eternidade — a de modelar e habilitar esses instrumentos que Deus, escolheu. Apraz-me considerar as grandes possibilidades existentes em meus companheiros jovens, desprendo-me de toda forma de estreiteza egoísta. Quando me associo com meus colaboradores jovens, compreendo minha sagrada responsabilidade sempre crescente. Sei que um dia terei que comparecer perante Deus e dar-lhe conta de qual foi o meu comportamento com os instrumentos por Ele escolhidos. A pergunta que me poderia ser feita no dia do juízo, é esta: “Ajudaste teus colaboradores a vencerem a própria natureza, seu desejo de fama e popularidade à custa dos demais?”

Como estou eu vivendo perante meus colaboradores? Respeitam-me unicamente por minhas credenciais e posição? Quando com eles trabalho na tarefa de dar a última mensagem de misericórdia divina, reconhecem que em mim há profunda consagração e amor duradouro às coisas de Deus?

Aponto-lhes bondosamente os perigos que lhes espera no caminho do dever. Se cometem erros ao apresentarem a verdade, precisam eles de nossa benévola compreensão. Quase sempre é mais difícil construir que destruir. A medida que nossos companheiros jovens avançam na senda da experiência, ponhamo-nos ao seu lado e digamo-lhes: “Irmão, continue progredindo, e Deus o acompanhe. Os erros que cometer, também serão os meus.”

Novas Idéias

Algumas vezes cremos que as idéias dos aspirantes ao ministério são um insulto aos nossos muitos anos de experiência. E há quem menospreze essas idéias pelo único motivo de serem eles os seus autores. Tampouco falta quem se apressa a apoderar-se da nova idéia e tirar dela proveito, como se sua fôsse. Essa atitude produz maior dano aos obreiros experimentados que procedem dessa maneira, do que aos jovens que com eles trabalham. E também pode chegar a desenvolver-se no pastor ordenado um complexo de inferioridade, que se manifestará de diversas formas, tais como ciúmes, espírito de crítica e censura. Difícil é lutar e vencer esses males, uma vez que se tenham apossado do coração. Escurecem-nos a visão das coisas celestiais, e à medida que os alimentamos, vai-nos reduzindo o poder para trabalhar em prol da causa de Deus. Nunca perdemos por reconhecer o valor de uma idéia, quando o merece. Nunca!

Causa júbilo ver os jovens ingressarem no ministério. Necessitam eles de nossas orações e direção. Aproveemos-lhes as idéias com entusiasmo e sempre reconheçamos todo o seu direito de propriedade. A devida consideração das boas idéias de nossos colaboradores é um modo excelente de animá-los a desenvolver a individualidade que Deus lhes concedeu. Não aceitaremos com prazer as idéias e os planos de nossos obreiros jovens, e buscaremos com eles melhorar nosso próprio ministério?

Deus quer que vivamos vida consagrada e ajudemos a formar companheiros consagrados no ministério. Segundo fôr a sementeira, será também a colheita que produzirá. Se assumirmos atitude de suficiência própria, de “sou mais santo do que tu”, provável é que o obreiro a quem ajudamos a formar-se se pareça conosco. Se somos sensíveis ao eu e não à influência divina, também o será o nosso associado. Se nossa apresentação das mensagens é argumentativa e em nós predomina o espírito de debate, a mente de nossos companheiros jovens formar-se-á inconscientemente pelo mesmo padrão. Quando houvermos aprendido a tratar corretamente nossos colaboradores, nosso testemunho em favor de Deus será poderoso; quando mantivermos o olhar fixo em Jesus Cristo, e na nova Terra, nosso ministério será ativo, magnético, repleto do Espírito Santo.

Contemplai a abundante chuva do divino Espírito Santo, que espera um ministério consagrado, harmonioso e cooperador! Irmãos se quisermos terminar a enorme obra que resta para fazer, temos que receber o poder do Pentecostes dos últimos dias. Oxalá fixemos a vista na Nova Jerusalém, e estejamos preparados para receber este incomparável privilégio que é a ascensão dos santos para a amada cidade que espera os remidos.

Em Rom. 12:1, Paulo nos faz o seguinte convite: “Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de

Reservar Tempo para o Evangelismo

FORDYCE DETAMORE

(Evangelista, Associação do Texas)

[Há alguns meses pedimos a Fordyce Detamore que escrevesse algumas das sugestões contidas em suas palestras de reuniões de obreiros, sobre como pode o ministro condensar e organizar o seu programa de trabalho de forma a dispor de tempo para o evangelismo. Atendendo ao nosso pedido, disse ele: "Pus o coração nestes pensamentos, mas a dificuldade consistiu em condensar tanta coisa no espaço de um artigo." Creemos que ele produziu uma excelente contribuição. — Nota da Redação.]

PARA que propósito são ordenados os ministros?

Para pregar a Palavra, e não para "servirem às mesas". (Atos 6:2.) Mas deles se exige muito que façam isto hoje em dia. Como pode ele reduzir isto ao mínimo, de forma a achar tempo para cumprir a tarefa primária para que foi chamado? Existem duas espécies capitais de pregação: (a) edificar os santos, (b) advertir os perdidos e levar almas perdidas à rendição. Na fase atual de nossos esforços, os santos estão sendo relativamente bem edificados.

Mas quantos de nossos ministros ordenados estão dedicando tempo à pregação da última mensagem de advertência a um mundo condenado? A embarcação está a naufragar, mas estamos nós providenciando os barcos salva-vidas? Ou estamos ocupados com polir os metais, lavar o tombadilho, lubrificar a maquinaria, aumentar a superestrutura, ou remodelar o apito para que tenha som mais forte? Numa crise, só uma coisa tem real importância, e essa é lotar os barcos salva-vidas e salvar os que perecem.

Lástima é que o Movimento Adventista haja tão pouca pregação para o mundo perdido. Os dias que correm são de grandes rendas e dias de paz aparente, entretanto muito pouco está sendo feito para apressar o último convite de misericórdia a um mundo em desespero. Como, oh! como poderemos nós jamais enfrentar a Deus no juízo se negligenciamos nossas oportunidades?

Não basta dizer que estamos "cumprindo o programa" ou que somos "homens do meio da estrada, que mantemos em nossas igrejas um programa bem equilibrado". Não basta que sejamos um "vai buscar" e batamos todos os recordes de promoção, colta, edificação. Temos de ser testemunhas do evangelho de salvação de nosso Senhor prestes a vir.

"Mas eu não disponho de tempo nenhum para o evangelismo em meu sobrecarregado plano de

trabalho", dizem muitos pastores jovens. "São os acampamentos, as assembléias gerais [para edificação dos santos, sobretudo, hoje em dia] os acampamentos dos jovens, as reuniões de obreiros, reuniões de comissões, as mesas administrativas, os congressos, as férias, os planos de reconstrução de escolas e igrejas, o cuidado dos pobres e dos doentes, a celebração de casamentos e funerais, a presença nos cursos, atender aos telefonemas, a correspondência, o pastoreio do rebanho, a presença nos concílios da escola sabatina e dos jovens M. V. nas igrejas, a administração da igreja e da escola primária, o estudo dos sermões pastorais, bem como a alimentação da própria alma faminta e cansada, a recolta de donativos e tôdas as demais campanhas, a confecção do boletim da igreja, a visitação de outras igrejas do distrito—de sorte que absolutamente não sobra tempo para o evangelismo!"

Nada de estranho há nestas palavras. São declarações de ministros desesperados, de toda parte. Não se trata de um quadro exagerado de supostos fracassados. É o retrato fiel do pastor e líder distrital que foi ordenado para "pregar a Palavra".

Certamente temos de fazer alguma coisa nesse sentido. Podemos fazer muita condensação, reorganização ou reforma e melhorar certas partes de nosso fardo, a fim de acharmos tempo para transmitir a mensagem de misericórdia aos que perecem em nosso derredor.

Um Poucas Sugestões

Desejo transmitir-vos algumas sugestões concretas. Elas poderão ser arrancadas em qualquer ordem ascendente de importância.

1. *Campanhas de Promoção.*—Não vos descuideis delas, mas *sim*, condensai-as. "O que te vier às mãos para fazer, faze-o conforme as tuas forças." Terminadas que sejam, volvi às reuniões públicas. As campanhas são importantes. Mas, infelizmente, estão tomando muito tempo. Se forem condensadas e bem organizadas, poderão ser executadas com rapidez. Demasiadas vezes, porém, elas se prolongam indefinidamente, até que grande parte do ano é gasta "servindo às mesas".

Incumbi vosso diretor missionário local da confecção do material de alvos para as campanhas da igreja. Ele gostará de fazê-lo. E em vez de o pastor ficar ocupado com a compra de pano, tintas, material elétrico, madeira, arame e pregos, sairá, mas para advertir o mundo da aproximação do fim.

Bem sabeis que estamos em situação estranha atualmente. Mais e mais ministros nossos estão sendo jungidos às mesas, ao passo que animamos os membros leigos a se dedicarem à pregação da Palavra—exatamente o inverso do que achamos no livro dos Atos! A nossa laicidade deveria auxiliar a pregação da Palavra. Mas, não deveremos nós aliciar a nossa potencialidade leiga para ajudar na atividade rotineira de escritório, de forma

Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional".

Queira Deus persuadir-nos a esforçar-nos para alcançar um ministério mais nobre, agradável e plenamente consagrado, para que Deus cumpra o propósito divino, reservado para todos nós.

que nossos pregadores façam também algum trabalho de ganhar almas?

2. *O Programa de Construção de Igrejas e Escolas.* — Há nisto um laço capaz de prender o ministro meses inteiros, impedindo-o de ganhar almas. E enquanto uma igreja grande está sendo construída, corre o tempo, e a eternidade aproxima-se de nós.

O Espírito de Profecia adverte contra a construção de edifícios dispendiosos, quer para igrejas, quer em ligação com nossos hospitais, escolas, ginásios e outras instituições. Se êsse conselho fôsse seguido hoje em dia, nossos ministros não teriam que empregar tanto tempo para conseguir dinheiro e fiscalizar obras. Teríamos mais tempo para a pregação da Palavra, para o que fomos ordenados. E lembrai, meus irmãos no ministério, êsses edifícios de que tanto nos orgulhamos, logo serão material para os fogos da destruição dos últimos dias. Em demasiados lugares nossas vistosas construções proclamam por tôda a terra: "O meu Senhor tarde virá!" Não deverão as igrejas que erigimos e as instituições que decidimos aumentar, na própria simplicidade de sua construção, proclamar: "O Senhor breve virá"?

Onde quer que seja possível, membros leigos capazes deverão presidir as comissões de construção, para que os ministros disponham de tempo para pregar e visitar os interessados.

3. *Enterros.* — Não sei como reduzir esta atividade, mas desejo contar uma experiência.

Fomos levados (contra o nosso desejo pessoal e apesar da atividade intensa de uma cidade de um milhão de habitantes e uma congregação de mais de quatrocentos membros) a começar uma série de conferências: O diabo não deixou de insinuar-nos que deveríamos saber que não poderíamos arcar com essa carga extra — o evangelismo — quando já estávamos sobrecarregados de trabalho.

E, como que numa prova disto, tivéramos seis enterros na semana anterior ao início da série, e eu pensei com os meus botões: "É, Satanás, você tem razão. Com as pessoas a morrerem desta maneira, eu simplesmente não terei tempo para realizar as reuniões. Você tem muito mais experiência do que eu no evangelismo. Mas, retire-se! Apesar de tudo, nós realizaremos as reuniões." E, em vez de seis enterros numa semana, durante tôda a série de catorze semanas *nem um* único de nossos membros morreu. Ao contrário, sessenta e quatro almas nasceram de novo! Desde aquêlê dia (1936) até hoje, nunca mais permiti que Satanás me impedisse de realizar reuniões de evangelismo.

Nossos membros viverão vida espiritual mais longa se mantivermos um esforço de evangelização contínuo, e esta experiência quase me convenceu de que viverão mais também fisicamente. O evangelismo pastoral constante solve quase cada outro problema da igreja!

4. *Casamentos.* — Insisti com todos para que compareçam na hora marcada para os ensaios. Ensaiai logo que chegarem e, despedi-os imediatamente. Ao verificarem nossos membros da igreja que não dispondes de muito tempo, que estais verdadeiramente ocupados com manejar a rêde da salvação, não pretenderão ocupar tanto do vosso tempo.

5. *Entrevistas e Períodos de Conselho.* — Mesmo êste caso pode ser acomodado num programa intenso de evangelismo. Determinai um tempo (talvez a tarde de quarta-feira, até à hora da reunião de oração, ou a manhã de domingo) para estar em vosso gabinete, na igreja, à disposição de quem necessitar de conselho. Em outros dias, insisti em que as pessoas vos procurem sômente à noite, após a reunião de evangelismo. (Isto concorrerá para o aumento de vosso auditório, e depois de um sermão evangélico talvez os problemas pessoais tenham a tendência de assumir as devidas proporções.) Nessas entrevistas tardias, as pessoas não costumam demorar-se demais.

Não animeis as pessoas a irem à vossa residência, para aí falarem convosco, porque, então, *elas* decidirão quando de lá sairão. Melhor é irdes vós à *sua* casa ou falar-lhes no gabinete pastoral da igreja, ou no vestibulo, à noite, e então vós determinais o momento do encerramento da entrevista.

6. *Chamados telefônicos.* — Convém dizer, às vêzes, na igreja, que apreciáis os chamados telefônicos quando as pessoas abordam o assunto imediatamente e se despedem em seguida. Fazei-lhes saber que desejais poupar tempo, não por motivos egoístas, mas para que possais visitar e ajudar os seus amigos e parentes a aceitarem esta gloriosa mensagem. Com os telefonistas prolixos, simplesmente interrompei-os com perguntas breves quanto ao assunto primordial, até que possais tomar a palavra e assim encaminhar a conversação para um breve, cortês (nunca irritado!) desfêcho: "Muito prazer no chamado!"

Para o perpétuo telefonista e visitante "importuno" existe cura satisfatória. Incumbi-o de uma tarefa pessoal, importante e difícil, e tôda vez que vos procurar para uma entrevista desnecessária e consumidora de tempo, simplesmente invertei os papéis e perguntai-lhe com insistência por que não se desempenhou ainda da sua incumbência. Êle logo vos evitará até que a tarefa esteja cumprida. Ponde um homem a trabalhar, e êle não gastará tanto tempo em conversar. (Sinto-me hoje culpado de não haver saído mais para visitar. Gasto tempo demais em demasiadas conversas!)

Combinai com vossa espôsa para que ela atenda aos chamados telefônicos. Ela poderá evitar quantidade de desnecessárias interrupções. Mas, por amor à vossa espôsa, em anúncios jeitosos, na igreja, fazei os membros da igreja saberem que *ela* tem muita ocupação, e não apenas com o trabalho doméstico, mas também com responsabilidades pesadas no evangelismo: fazendo circulares e envelopando-as, transcrevendo sermões, etc. Alguns de nossos membros mantêm a idéia errônea de que a pobre espôsa do ministro é a alma negligenciada da casa, amargurada em eterna solidão. Fazei-lhes saberem que ela é mãe e espôsa ocupada e coadjutora valiosa em todos os vossos empreendimentos de evangelização.

7. *Recepção de Hóspedes.* — A desnecessária atenção a hóspedes sobrecarrega a espôsa do ministro. Sua atividade pode ser muito mais proveitosa ao vosso lado, no trabalho de ganhar almas, do que fornecendo aos bem alimentados santos o alimento material. (Não são as pessoas a quem o ministro *tem* de alimentar, os já mais bem alimentados da congregação?)

Não somente é a atenção aos hóspedes, consumidora de vosso tempo e do de vossa esposa, mas também dispendiosa. Poucos pastores poderão realmente suportá-la. E se convidardes as pessoas para refeições, certamente elas vos convidarão a vós para a sua casa, e isso consumirá tempo dobrado. Podereis fazer de quatro a seis proveitosas visitas evangélicas no tempo gasto em comer com uma visita e tornar a comer em sua casa ao lhe retribuirdes a visita!

Diz Jesus que se quiserdes alimentar alguém, alimenteis os pobres. Isto será verdadeiramente apreciado. Além disso, eles não vos convidarão para a sua casa. Assim, este procedimento vos economizará tempo.

Cuidai, também, de que ao cultivardes a sociabilidade com alguns poucos líderes ou amigos íntimos da igreja, não enfraqueçais vossa influência no coração dos demais membros da igreja.

Sede amigo de todos mas não íntimo demais com ninguém. Isto poupará tempo — tempo que pode ser economizado para evangelismo e visitas.

8. *Consertos na Igreja.* — “O pastor —, que bom foi tê-lo encontrado! Dei uma volta pela igreja, e vi que a calha está furada e a água da chuva está penetrando no alicerce.”

Sem dúvida alguma isso não é responsabilidade do pastor — servir às mesas e goteiras. Instruí vossos membros a que recorram aos *diáconos* em todas essas emergências. Se eles falharem nesse sentido, recorram aos anciãos. Em anúncios públicos notificai as responsabilidades dos diáconos, diaconisas, e anciãos, e dizei aos membros que se dirijam a esses líderes em assuntos materiais dos edifícios, tanto da igreja como da escola primária. Ao saberem que vosso tempo está lotado, com visitas aos seus amigos e parentes interessados, e com guiar para Cristo os perdidos, se disporão a ajudar-vos no servir às mesas.

9. *Reuniões de Comissões, da Igreja e Executivas, e Concílios.* — A melhor ocasião para reunir estes grupos é depois de vossa reunião da noite. Fará bem ao coração de todos o comparecimento à reunião, e muita coisa que projetassem dizer, não o farão depois de o seu coração haver sido tocado. E não falarão demais, porque a hora está avançada! Grande parte do que é dito nas comissões e mesas administrativas, melhor fôra não se dissesse. Adverte-nos o Senhor de que nossos ministros gastam tempo demais em reuniões de comissões. Isto era verdade tanto quando foi escrito quanto o é agora.

Precisamos de menos reuniões de comissões, e mais reuniões de evangelização, menos mesas administrativas e mais reuniões em casas de família. Quanto mais cedo se operar essa revolução, tanto mais cedo será terminada a obra.

Visitas

10. *Visitas Pastorais e Visitas de Evangelização.* — Não negligencieis o rebanho! Mas tampouco os mimeis demais. O pastor recém-chegado tem de visitar a casa de cada membro da igreja. Isto pode ser feito com relativa facilidade no prazo de dois meses. Reservando quatro dias da semana para visitas, podereis facilmente nelas fazer cinquenta visitas. (Até setenta visitas poderão ser feitas numa semana bem aproveitada.) No espaço

de oito semanas, quatrocentos lares serão atingidos, e ainda vos restarão três dias da semana para outro trabalho da igreja, bem como o necessário repouso.

Fazei três listas para visitas futuras:

a) Os impossibilitados de sair à rua. Estes desafortunados membros devem ser visitados uma vez por mês. Eles sempre estão em casa, e podeis atingir até quinze ou mesmo vinte num dia.

b) Os desanimados e mornos. Talvez uma quarta ou quinta parte de vossos membros estejam incluídos nesta classe. Fazei uma lista minuciosa e visitai regularmente, até que os tenhais reabilitado.

c) Novos interessados, interessados da colportagem, apostatados, interessados da classe bíblica, e parentes dos membros. Obtende dos membros esses nomes e endereços, durante as visitas pastorais iniciais. Não visiteis estes sem que tenhais terminado as anteriores. Ao começarem as reuniões, as pessoas deste grupo podem ser visitadas durante os primeiros dias ou semanas da série. Esta lista é o mais valioso grupo de nomes em perspectiva que podereis conseguir.

Enviai-lhes uma carta-circular com um convite para as reuniões. Mantende atento contato com eles, e vossas reuniões por certo produzirão algum resultado.

Uma advertência: Ao planejardes um dia inteiro de visitas, não permitais que assuntos triviais vos desviem da execução do que vos propussetes. Fixai-vos a tarefa de trinta e cinco a setenta visitas por semana, e apegai-vos ao cumprimento desse alvo.

Não pareis em meio a um dia ocupado e importante de visitas, para resolver alguma pequena divergência entre dois membros. Talvez, se os deixardes curtir por um pouco de tempo, ainda mais virão a apreciar o vosso auxílio. Quase cada coisa pode esperar um dia mais sem piorar.

Agrupai vossas visitas. Não mistureis toda espécie de problemas num único dia de visitas. Num dia visitai os retidos em casa. Noutro, visitai as pessoas que estão em vias de eliminação da igreja. Noutro, ainda, visitai os pobres e necessitados de auxílio. Noutro dia visitai os que se mostram enfraquecidos na fé e os interessados em geral. Nesse dia, apreciareis mais as vossas visitas, fareis melhor trabalho, e o fareis com maior rapidez.

11. *Pequenas Ilustrações* — Depois de haverdes distribuído o trabalho regular da igreja entre os líderes e os membros da igreja, ainda sobrarão muitas minudências aborrecíveis e consumidoras de tempo. Para atender a problemas e responsabilidades de menor monta, pedi à comissão da igreja que escolha outros auxiliares dentre os membros da igreja:

a. *Secretária-recepcionista.* Deve ela ser responsável por todas as atividades internas, tais como acomodadores, quem, à chegada cumprimentem os estranhos, quem os despeça à saída, etc., bem como por ver que tanto ricos como pobres recebam igual tratamento.

b. *Comissão social.* Uma igreja viva deve ter reuniões sociais vivas. Devem, porém, ser mantidas em nível elevado, planejadas cuidadosamente e executadas com eficiência. Não deve o ministro

envolver-se com tais minúcias, embora sejam importantes. Escolha a comissão executiva líderes sociais capazes, que, com eficiência, assumam essas responsabilidades. A esposa do pastor poderia fazer parte desse grupo.

c. *Oficial de Generalidades.* Finalmente, há as mil e uma coisas, de toda espécie, que oprimem a vida do pregador, consumindo-lhe o tempo e alheando-o do trabalho que lhe é divinamente atribuído.

“Que felicidade o tê-lo encontrado! O senhor está ocupado? Estive pensando se o senhor não sabe de um carpinteiro entre os membros da igreja, que queira trabalhar para mim. Estou certo de que haverá alguém que aceite este oferecimento...” “Vim saber do senhor se há entre nós algum dentista...” Segue-se a essa pergunta uma interminável história da dor de dente da noite anterior, que nem de leve se compara com a crescente dor de cabeça do pastor. ... “Poderia o senhor apanhar algumas coisas para as Dorcas? Decidi atender ao apêlo que o senhor fez no sábado, e separei algumas roupas. Como não possuo automóvel, pensei que o senhor pudesse ir à minha casa buscá-las...” Escrevi-lhe para pedir o obséquio de reservar-nos acomodação num hotel dessa cidade para o dia... quando aí estaremos de passagem para...” (Posteriormente, os turistas tomaram outra direção e esqueceram de desfazer a reserva que tão sollicitamente lhes fizestes.)... “Poderá o senhor fornecer-me o número do telefone da Sra...? Eu poderia havê-lo procurado no guia, mas pensei que o senhor o tivesse na ponta da língua.” (Bom é que uma tal pessoa não saiba o que realmente temos na ponta da língua!)

Assim, nossa comissão escolheu um oficial de generalidades, que possui telefone, e que bênção é ela! Anunciamos que todos esses assuntos fôsem encaminhados diretamente a essa irmã. Ela preparou uma lista de médicos, carpinteiros, enfermeiras, quartos para alugar e amas sêcas. Cuidou de todas as generalidades rotineiras, com o que deixou o pastor liberto de mais “serviço às mesas”, para pregar a Palavra.

Assuntos Particulares

12. *O Plano Semanal.* — Desfrutareis melhor a vida, produzireis mais, e vivereis mais, creio, se subdivirdes a semana: certas espécies de coisas para serem atendidas em determinados dias.

Por exemplo, uma tarde será reservada para a correspondência, para escrever palestras pelo rádio, artigos para nossas revistas, preparar anúncios e convites para reuniões futuras — noutras palavras, “servir às mesas”.

Até à tarde de sexta-feira, deverá estar terminada toda atividade rotineira tais como cortar o ca-

belo, consertar o calçado, expedição de circulares, etc.

Meia tarde por semana será dedicada à permanência no gabinete pastoral da igreja, à disposição dos membros, para entrevistas e conselhos.

Cada dia necessitará o ministro de pelo menos duas horas da manhã para o preparo da própria alma para enfrentar o mundo um dia mais. E quando houver um sermão novo em fase de acabamento, certamente outro meio dia será necessário.

Numa série longa de conferências o ministro preparará de três a cinco noites por semana, e de três a cinco dias por semana estará empenhado em fazer visitas. Numa série curta, pregará todas as noites por espaço de três semanas, e durante esse período de trabalho intenso terá de adiar para mais tarde muitas coisas. Fará tempo, porém, para as suas reuniões e visitas quando lhes der a primazia na sua reserva de tempo, como Deus já indicou que deve fazê-lo. Creio que ao dedicar-nos a esse trabalho Deus proverá o tempo necessitado. Os assuntos terão de ser tratados em seu devido tempo.

13. *Tempo para Repouso* — Numa atividade de trabalho intenso, planejamento, pregação, convites, visitas, etc, o ministro esgotar-se-á se não se *impuser* um tempo para não fazer nada — nada além do que quiser fazer: jardinagem, remo, natação, uma caminhada, etc. Mas, levará consigo a essa diversão a esposa e os filhos. Têm eles direito, também, a parte do tempo que lhe pertence. E quanto mais íntimos são os laços da família quando todos sabem que dispõem de um dia por semana para o passarem como melhor lhes agrada!

Não somente os nervos do ministro estarão menos tensos, mas ele produzirá mais no restante da semana. Ganhareis vossos filhos para vós mesmos e para a igreja, e aumentareis os vossos dias de vida e estreitareis relações com vossa melhor colega de evangelismo — vossa esposa. Quanto mais pesada fôr a vossa carga e mais sobreacarregados estiverdes, tanto mais imperativo é que tenhais regularmente um dia de descanso por semana. Nas séries curtas, porém, tereis que esperar até ao seu término, para então repousar.

Finalmente, faço-vos o apêlo de que nada, absolutamente *nada*, vos impeça, como ministro, de pregar a Palavra, não simplesmente para a edificação dos santos mas especialmente para, antes que seja tarde demais, advertir o mundo condenado e moribundo, de um Salvador prestes a vir.

“Ó Jerusalém! sobre os teus muros pus guardas, que todo o dia e toda a noite de contínuo se não calarão: ó vós, os que fazeis menção do Senhor, não haja silêncio em vós.” (Isa. 62:6.)

Amar as Almas como Cristo as Amou

“Somos chamados a amar as almas como Cristo as amava, a experimentar angústia de alma para que os pecadores se convertam. Apresentai o incomparável amor de Cristo. Escondei o próprio eu.” — *Evangelismo.*



E VANGELISMO DA SAÚDE

Fazei Vossa parte para Gozar Boa Saúde

Dr. CLIFFORD R. ANDERSON

ERA uma radiosa manhã de primavera de um dia inolvidável. Tôda a Natureza resplandecia de formosura. Os passarinhos gorgeavam, os botões de flor começavam a abrir-se, as plantas lançavam rebentos e tudo transpirava alegria. Sentia-se o gôzo de viver.

Enquanto me regozijava na contemplação da cena, um auto se deteve junto à calçada e desceu dêle um jovem alto e bem apessoado. Era um vizinho meu que contava perto de trinta anos. Contemplou a paisagem, e um sorriso de satisfação lhe iluminou a face. Em todo o seu corpo se notava o vigor da mocidade; era atleta consumado, por natureza um guia de jovens. Seu corpo esbelto e os gestos agradáveis harmonizavam-se perfeitamente com o cenário dêsse belo dia.

Ao cruzar a calçada em direção de casa, abriu-se a porta e apareceu uma jovem encantadora; era sua espôsa, graciosa e atrativa. Resplandecia-lhe o rosto com o brilho da saúde. Era mãe de dois filhos e demonstrava em todo sentido as maneiras e a serenidade da mulher que fôra bem ensinada na arte de cuidar de si e de sua família. Não revelava nenhuma apreensão pelo futuro. Estava bem segura de si. No seu lar, a paz e a felicidade eram tão naturais como o ar puro e o alimento são. Dava satisfação o ver-se reunida uma família como essa.

Esses jovens eram felizes porque haviam aprendido a ciência de viver. Para êles, a vida não consistia em uma existência monótona. Verdadeiramente desfrutavam dela. Essa espécie de felicidade não se adquire por casualidade. É o resultado direto da boa administração do lar. Êsses jovens tinham aprendido que a boa saúde é a maior possessão que no mundo pode desfrutar-se. Infelizmente muitos jovens não recebem educação nesse sentido, e, como resultado, grande número dêles se está destruindo lenta mas seguramente. Não compreendem o dano que ocasionam. Tampouco sabem que a maior parte das enfermidades que achacam a humanidade podem ser evitadas se se aprende a viver em harmonia com as leis da saúde. A vida pode chegar a ser muito bela quando aprendemos a viver em conformidade com êsses princípios.

“Mas, doutor — dirá alguém — eu não nasci com sorte, como êsses jovens que o Senhor está descrevendo. Ninguém tratou de ajudar-me em minha juventude. Meu avô era alcoólatra, e mamãe, uma neurótica incurável. Posso dizer que nunca tive uma oportunidade que me permitisse desenvolver-me.”

Pode ser que o tal tenha razão. Talvez quando jovem nunca haja tido muito a seu favor. Mas, pelo menos *agora* tem uma oportunidade. Verdade é que alguns podem haver tido melhores probabilidades que outros. Mas por estranho que pareça,

nenhum de nós teve antepassados perfeitos. E o que é pior, todos temos cometido carradas de erros. Os fracassos que nos sobrevêm na vida, nem sempre têm por origem os erros de nossos pais. Com muita freqüência se devem mais ao nosso modo errado de pensar, do que às coisas que outros possuem haver-nos feito quando éramos criança.

Permiti-me contar-vos a história de um homem importante que conheci na Austrália, faz alguns anos. Sua personalidade era notável. Tinha bela aparência e mente maravilhosa. Mas nem sempre havia sido assim. Quando jovem, não fôra muito robusto. Os antecedentes familiares lhe eram desfavoráveis. Antes de cumprir vinte anos, morreu-lhe o pai, deixando-o só, com o encargo de seus negócios. Como filho mais velho, teve que cuidar da mãe e de quatro irmãos. Dêsse modo, ficou-lhe interrompida a educação normal, e teve que sacrificar uma promissora carreira musical.

A perspectiva distava muito de ser lisonjeira quando se encarregou dos negócios do pai; mas reorganizou-os e não tardou em fazê-los prosperar satisfatoriamente. Aos vinte e cinco anos de idade consideravam-no negociante de êxito. Persistia, porém, essa debilidade desalentadora, cuja causa estava oculta em algum lugar do organismo. Estava desgostoso, e também estava-o a espôsa. Mas, como era mulher que dispunha de muitos recursos, decidiu fazer todo o possível para preparar-lhe alimento apetitoso e bem apresentado, com o objetivo de estimular-lhe o apetite. Apesar de todos os esforços, enfraquecia a olhos vistos; perdia pêso continuamente e minavam-lhe as forças. Aos vinte e nove anos se resignara a morrer, porque nem os cuidados médicos haviam dado resultado. Davam-lhe os médicos apenas três meses mais de vida. Com espôsa e dois filhos pequenos, a situação era desesperadora.

Foi então que conhecia conferencista de assuntos de higiene visitou a cidade. Ela própria estivera repetidas vêzes às portas da morte. Na idade de nove anos, ao voltar da escola para casa, uma colega maior atirou-lhe uma pedra que a feriu no nariz e, ao atirá-la ao chão provavelmente lhe fraturou a base do crânio. Essa senhora sofreu terríveis dores de cabeça durante anos, tonturas debilidade e dor. Experimentara, também, o que significa estar “sem esperança”. Havia-se-lhe, porém, arraigado na mente a convicção de que ninguém precisa ficar feito inválido, nada mais que por haver sido ferido.

Certa ocasião essa senhora estivera tão grave que seus parentes iniciaram os preparativos para seu enterro. Mas eis que ela fala diàriamente a milhares de pessoas! Tudo isso aconteceu muito tempo antes dos microfones e amplificadores. Que

produzira essa mudança tão notável? Descobri-la que a vida contém possibilidades ilimitadas para todos quantos, mediante a bênção divina, viverem em obediência estrita às leis higiênicas. E dêsse modo, de uma inválida desenganada que era, restabeleceram-se até chegar a ser notável autoridade em matéria de são viver.

Assim foi que êsse jovem enfêrmo e sua espôsa foram escutá-la. Seu nome era Ellen G. White. Falou ela em linguagem como nunca dantes haviam êles escutado, das possibilidades maravilhosas existentes para todos quantos vivem em harmonia com as leis pró-saúde. Infundiu esperança, mesmo àqueles que tinham aceitado a idéia de morrer.

Depois da reunião, a espôsa pediu uma entrevista com a conferencista, com a esperança de encontrar a forma de ajudar o espôso moribundo. Depois de escutar o relato, com tôda a sua aparente desesperança, sorriu, e disse: "Senhora, seu espôso não precisa morrer. Tudo o de que necessita é que se lhe dê a oportunidade de viver! Não há dúvida de que os médicos fizeram o melhor que podiam, e, segundo o seu ponto de vista, o caso não tinha esperança. Ponha agora a sua confiança em Deus. Ele a ajudará. Siga Suas normas pró-saúde, estou certa de que seu espôso se reabilitará inteiramente."

O coração da espôsa recobrou ânimo. Voltou para casa decidida a pôr em prática as instruções recebidas. Mudou o regime alimentar da família e todos os hábitos de vida. Transformou inteiramente o lar. Os quartos que haviam sido escuros e úmidos, converteram-se em habitações claras e bem ventiladas. O Sol entrou em caudais pelas janelas, proporcionando saúde e felicidade a todos os membros da família. E em seu próprio coração surgiu a satisfação de saber que podia ter parte na obra de resgatar da sepultura o espôso.

Não tardou o espôsa a recuperar-se. O regime alimentar bem equilibrado começou a realizar maravilhas. Abandonou todo hábito prejudicial e a saúde melhorou rapidamente. Depois de algum tempo perceberam os amigos que em vez de morte prematura, êle tinha perante si um futuro brilhante. Abandonou os negócios para dedicar-se a escrever e fazer conferências. Dentro de poucos anos chegou a ser tão conhecido que conseguiu introduzir reformas importantes na constituição da nação australiana.

Ao estalar a Primeira Guerra Mundial, foi co-

nhecido como um grande defensor das liberdades civil e religiosa. Seus livros foram tão lidos, que por seus conhecimentos e experiência, os governante e dirigentes educacionais buscaram-lhe o conselho. Além do mais, era músico excelente. Fundou várias instituições importantes e realizou os primeiros avanços em matéria de medicina preventiva. Viveu vida intensa e ativa por mais de cinquenta anos, depois de haver-se resignado a morrer! Sem sombra de dúvida, foi o homem mais enérgico que conheci; parecia não cansar-se nunca. Na idade de oitenta e um anos, efetuou uma volta ao mundo proferindo conferências para vastos auditórios na Inglaterra, Estados Unidos e outros países. Sua vida foi plena de serviços, e abundante de verdadeiras satisfações.

Certa feita eu lhe perguntei qual era o segredo de sua assombrosa vitalidade. Respondeu-me com as palavras da famosa conferencista: "Não há limites para a utilidade daquele que, pondo de lado o eu, deixa o Espírito Santo atuar no coração, e vive vida inteiramente consagrada a Deus. Todo aquêle que consagra corpo, alma e espírito ao serviço de Deus, receberá continuamente novo caudal de faculdades físicas, mentais e espirituais."

Não precisava dizer mais. Esse homem, que há tantos anos passados se resignara a morrer, era um exemplo vivo de uma tal vida. Dedicara-se inteiramente ao serviço de Deus e da humanidade. Sem dúvida, era um dos homens mais felizes, sãos e nobres que já conheci. Era muito querido de milhares de jovens, muitos dos quais ajudara pessoalmente e tornara felizes. Viveu mais de oitenta anos, e até ao fim de sua vida longa e feliz, conservou mente juvenil e vigorosa. Se não houvesse seguido o conselho que em sua juventude lhe deu a famosa Sra. Ellen G. White, nunca teria conseguido restabelecer-se e viver.

Sei que esta história é verdadeira, por tratar-se de meu próprio pai. Este é o motivo de eu querer partilhar convosco o gôzo e a satisfação de viver vida feliz como a que êle viveu.

Por que não decidirmos agora mesmo abandonar as coisas que contaminam o corpo e destroem a mente? Ponde em Deus a vossa confiança. Esquecei o passado e tôdas as suas fraquezas. Agora mesmo podeis começar a trilhar a estrada que conduz à vida melhor, porque vós também podeis ajudar-vos na obra de gozar saúde e felicidade.

Curso de Leitura Ministerial para 1957

1. *Test. Seletos, Vol. III* [Edição Mundial] E. G. WHITE.
2. *Para Todo o Sempre* (Um homem chamado Pedro. Biografia famosa) C. MARSHALL.
3. *Fora do Labirinto Católico* L. H. LEHMAN.
4. *A Arte de Ser Chefe* (pensamentos) G. COURTOIS.



NOSSA LÍNGUA

MISCELÂNEA

Formidável, formidando. — O significado de formidável foi sempre o de incutir medo, receio. Mas como, em geral o que nos incute medo é de tamanho fora do normal, formidável passou a significar extraordinário, empregando-se hoje como simples sinônimo de notável, fora do comum, incuta ou não incuta medo. Já formidando, forma gerundiva, continua a significar aquilo que mete medo.

Dar ansa. — A expressão “dar ansa” é o mesmo que dar oportunidade, ou como os janotas de agora dizem, por imitação francesa e inglesa: “dar chance”. A origem da expressão é muito antiga, do latim, onde “ansa” significa asa de objetos: asa de xicara, de bule, isto é, aquela parte de tais objetos por onde se pega. *Dar ansa*, portanto, é oferecer a alguém a possibilidade de “pegar pela asa” o objeto desejado. Claro está que o uso atual é simplesmente metafórico, figurado.

Tornar a repetir. — Tornar a repetir é pleonasmismo inútil. Basta dizer repetir onde o prefixo *re* já dá o sentido de repetição, de tornar a fazer. M. Barreto, tratando deste caso, compara-o a este outro: “tornar a reflorir”, tão pleonástico quanto o primeiro: em re-florir já está incluída a idéia de tornar, de fazer outra vez. Desta forma, a frase: “O professor mandou que o aluno tornasse a repetir a resposta” pode ser substituída simplesmente por: “Mandou o professor que o aluno repetisse a resposta”. Note-se como foi invertida a posição do sujeito: em lugar de — “O professor mandou” — escrevemos: “Mandou o professor”. Por que isto? Há uma parte da sintaxe que vai muito esquecida e desconhecida dos nossos melhores escritores: a sintaxe de colocação. Quando se fala em sintaxe de colocação, entendem todos que se trate da famosa colocação pronominal; não é só desta que trata essa parte da sintaxe geral. É necessário estudar a colocação do sujeito na frase: quando deve vir antes e quando depois do predicado. No estilo narrativo, é de rigor que o sujeito venha depois do predicado. Assim: “...saiu o Pregador do Evangelho a semear a Palavra divina... Vai um pregador pregando a Paixão... Não de cair as coisas e não de renascer...” (Vieira).

Recordemos esta parte da sintaxe para que o nosso estilo tenha o cunho genuíno da língua portuguesa e não seja como o de tantos que abastardam o nosso idioma porque o não estudam.

Até onde, até aonde. — O uso de tais construções depende da idéia que se deseja expressar. O advérbio de lugar *onde* (lat. *unde*) era usado, na língua arcaica, para indicar a procedência, cabendo a *u* (lat. *ubi*) a noção locativa. A confusão de sentido não tardou a chegar, predominando, en-

fim, a idéia de presença, de lugar em que se está ou em que se passa a ação. Como o conceito próprio de *onde* se enfraquecesse, foi necessário, para aumentar o seu vigor, recorrer à preposição *de*, que, geralmente, exprime a noção de procedência, criando-se o pleonasmismo *donde*. A divulgação desta forma reforçativa, como indicadora de movimento de algum lugar, determinou não só a mudança semântica do vocábulo simples (*onde*) como também o desaparecimento do advérbio *u*. Com o auxílio da preposição *a*, designativa de movimento para algum lugar: “A pátria é *onde* quer que a vida temos / sem penar e se dor; / onde rostos amigos nos rodeiam; / onde temos amor.” Gonçalves Dias, *Cantos*, de todas essas formas adverbiais é *onde* a que se chama advérbio relativo por trazer antecedente de lugar: “A pátria é *onde* quer que a vida temos sem penar e sem dor; onde rostos amigos nos rodeiam; onde temos amor.” Gonçalves Dias, *Cantos*, pág. 230). O antecedente de lugar está implícito: a pátria é o lugar em que. Essa distinção que hoje fazemos entre as variantes *onde*, *donde*, *aonde*, nem sempre observada pelos melhores clássicos e românticos, e que é uma exigência a gramática moderna, continua sendo às vezes transgredida, principalmente na linguagem popular. Vejamos estes exemplos: “Nem o será nunca *aonde* a lei e a religião não fôr a mesma”. Neste escrito de Vieira, *aonde* está por *onde*. “Por saber *donde* habite, ou que seja ela, segui, voando, os passos da donzela. (Durão. Caram. 4,7). Aqui *donde* é igual a *onde*.”

Dignitário. — A única forma admissível é *dignitário*, e não *dignatário*; não pode dizer-se *dignidade* em lugar de *dignidade*; portanto, se dirá *dignitário*, forma que já nos veio assim do próprio latim *dignitarius*.

Vossa Excelência, seus esforços, apresentar-lhe. — A concordância está correta: sujeito formado por uma expressão de tratamento — Vossa Excelência, Vossa Senhoria, Vossa Eminência Reverendíssima, etc. — exige o verbo e quaisquer outras concordâncias a ele referentes, na terceira pessoa do singular. Vejamos este exemplo de Rui Barbosa: “Acabo de receber a carta, de 30 do mês p.º., com que V. Excia. me *honrou*, comunicando-me...”

Chefa, assistenta. — Os nomes terminados em *e* pertencem aos dois gêneros. Não é necessário, portanto, dizer *chefa*, *assistenta*, *presidenta*, *parenta*. Basta colocar o artigo para individualizar o sexo: *a chefe*, *a assistente*, *a presidente* e *parente*. Existem na língua infanta, *parenta*, mais não são necessárias tais formas. — *Questões de Português*, do prof. Silveira Bueno.